

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
CURSO DE CIÊNCIAS DA ATIVIDADE FÍSICA
CURSO DE MESTRADO

Morjana Britto Peçanha

**RELEXÕES SOBRE CASOS DE VIOLÊNCIAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA EM ESCOLAS ESTADUAIS DO RIO DE JANEIRO: o caso de duas
escolas da rede FAETEC.**

Niterói

2013

Morjana Britto Peçanha

**RELEXÕES SOBRE CASOS DE VIOLÊNCIAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA EM ESCOLAS ESTADUAIS DO RIO DE JANEIRO: o caso de duas
escolas da rede FAETEC.**

Dissertação apresentada no curso de mestrado em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Ferreira dos Santos
Doutor em Educação Física e Desporto

Niterói

2013

Morjana Britto Peçanha

**RELEXÕES SOBRE CASOS DE VIOLÊNCIAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA EM ESCOLAS ESTADUAIS DO RIO DE JANEIRO: o caso de duas
escolas da rede FAETEC.**

Dissertação apresentada ao Curso de Ciências da Atividade Física da Pós-Graduação *Stricto Sensu* de Mestrado da Universidade Salgado de Oliveira como parte dos requisitos para conclusão do curso de mestrado e obtenção do título de mestre em Ciência da Atividade Física

Aprovado 11 em de junho de 2013

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Roberto Ferreira dos Santos (orientador)
Professor Adjunto PGCAF/Universo-RJ

Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva (examinador / interno)
Professor Adjunto PGCAF/Universo-RJ

Profa. Dra. Luciana da Silva Abdala (examinadora / externa)
Professora Adjunta /Unisuam-RJ

Prof. Dr. Alfredo Gomes de Faria Junior (suplente)
Professor Adjunto PGCAF/Universo-RJ

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha querida mãe Valquíria Britto Peçanha (*in memória*), por sempre confiar em mim e a todos/as os/as alunos/as que sofrem e sofreram de alguma maneira com a violência nas escolas. A todos/as o meu profundo respeito e a certeza que não estão sozinhos/as nesta luta a favor da paz.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a São Jorge, por me guiarem e nunca me deixarem só nesta caminhada.

A minha família pela paciência, compreensão e confiança de sempre. Em especial a minhas tias, Cleuza e Elisabete.

Aos amigos/as, Guilherme Moreira Dias, pelas longas conversas; Laurier Silva de Oliveira, pelo companheirismo de sempre; Priscila Bastos, pelo incentivo.

Meu psicólogo Marcelo Marques de Senna.

Aos meus colegas de turma: Tania, Marta, Adriana, Fernanda, Wallace, Marcos, Michelle, Adriano, Alexandre, Rosyane e Marcelo

As docentes do mestrado: Alfredo Gomes de Faria Junior, Carlos Alberto Figueiredo da Silva, Carlos Gomes de Oliveira, José Maurício Capinussú de Souza, Mauricio Murad, Paulo de Tarso Veras Farinatti, Pedro Paulo da Silva Soares, Renata de Sá Osborne da Costa, Roberto Ferreira dos Santos (coordenador), Wallace David Monteiro.

Aos professores da banca: Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva e Profa. Dra. Luciana Silva Abdalad.

Ao Prof. Dr. Fabiano Pries Devidé, por me iniciar na atuação com a pesquisa.

E um agradecimento mais que especial ao meu querido orientador Prof. Dr. Roberto Ferreira dos Santos, pela paciência, compreensão, sensatez e dedicação para comigo e com o trabalho. E por contribuir para a minha formação como pessoa e docente.

RESUMO

Nos dias de hoje, provavelmente, a violência seja um dos fenômenos mais intrigantes do nosso cotidiano, um fato que a cada dia que passa se apresenta de forma multifacetada, seja na mídia escrita, televisiva ou até mesmo de forma explícita. Com isso, verificamos que a violência e suas dimensões não sejam mais uma especificidade da profissão policial, pois é muito comum em dias atuais verificarmos médicos, psicólogos e até professores envolvidos, cada um dentro de suas especificidades a este fenômeno. Partindo dessa premissa verificamos que a instituição escola, a figura-professor e até mesmo o processo ensino-aprendizagem não se alinham à dimensão da prática de violências. Em função disso, o objetivo dessa pesquisa foi descrever, analisar e identificar o que leva os discentes a praticarem manifestações de violências em duas escolas do Estado do Rio de Janeiro da Fundação de Apoio a Escola Técnica (FAETEC). Esta pesquisa teve caráter qualitativo (POSSELON, 2004). O grupo de sujeitos entrevistados foi composto pelos diretores das escolas, quatro alunos/as do terceiro ano do ensino médio, quatro/as professores/as de Educação Física que ministram aulas para o terceiro ano do ensino médio. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com perguntas abertas, dando liberdade ao entrevistado para abordar aspectos sobre o que pensam e acham ser relevantes sobre o tema (NETTO, TRIVIÑOS, 2004). Foi utilizada também observação estruturada e/ou sistemática, que consiste em uma série de decisões prévias com elementos e situações a serem observados em forma de fichar ou roteiros prefixados. Este tipo de organização dos dados permite que todos os indivíduos sejam submetidos ao processo de observação e que haja uma comparação entre os dados coletados (MOURA; FERREIRA, 2005). Como resultados, depois de realizada a análise de conteúdo, podemos afirmar que o indivíduo, em última análise, ainda é a instância final de perpetuação ou não de violência. Quando este aluno possui uma forte influência negativa da família ao absorver experiências de violência que são naturalizadas no ambiente que vive. Porém, não é a classe social e sim a maneira como as pessoas lidam com a violência que acarreta na reprodução da mesma. Nesse sentido o esporte e a Educação Física (EDF) não podem ser considerados numa perspectiva reificada. Ou seja, coisificada. O esporte e a EDF não são estáticos, pelo contrário são construções sociais de seus atores, mesmo em situações difíceis, como no caso de *bullying* e homofobia, que foram os tipos de violência mais abordados pelos alunos/as nas aulas.

Palavras chave: Violência, Preconceito e Educação Física Escolar.

ABSTRACT

Nowadays, violence is probably one of the most intriguing event of our lives. A fact that presents itself in different ways, whether in written media, television or in a more explicit form. With that said, we can notice that violence and its dimensions are not exclusively related to police officers professionals, since it is quite common to see doctors, psychologists and even teachers also connected, each one associated to some particularities, to this fact. Taking what was mentioned in consideration, we can verify that the school, the teacher and even the teaching-learning process are not lined up in the same position as the violence practices dimension. According to this, the main goal of this project was to describe, analyze and identify the reasons that lead teachers to act violently in two schools of the state of Rio de Janeiro. (FAETEC) This research was developed with a qualitative approach (POSSELON, 2004). The group of individuals who were interviewed was composed by the school's principals, four senior year students and four Physical Education senior year high school teachers. Semi-structured script interviews with open questions were made, giving people freedom to think and cover worthy aspects related to the topic raised. (NETTO TRIVINOS, 2004) A structured observation was also used, which means it consists of several previous decisions with elements and situations to be observed using scripts that are already prepared. This type of organization of the collected information allows the observation of all people and its comparison. (MOURA; FERREIRA, 2005) As results, after analyzing its content, we can affirm that the individual still is the key to violence progress or retrogress, when this student has a strong negative influence of its family regarding violence experiences in its own atmosphere. However, social class itself does not influence violence, but the way people deal with it that can increase its reproduction. Physical Education (P.E.) should not be a "thing". The sport and its structures are not statics, in fact, they are social constructions of its actors, even in difficult situations, such as *bullying* and homophobia, which were the most mentioned cases covered by the students during classes.

Key words: Violence; prejudice and Physical Education

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
PROBLEMA	06
OBJETIVO GERAL	06
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	06
JUSTIFICATIVA	06
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	07
2.1 REFLETINDO SOBRE A VIOLÊNCIA: alguns olhares.....	07
2.2 OBULLYING NA ESCOLA: um olhar contemporâneo.....	14
2.3 HOMOFOBIA NAS ESCOLAS: o olhar do preconceito.....	16
2.4 A PRÁTICA DA VIOLÊNCIA E SEUS ATORES: olhando para quem pratica e sofre.....	19
2.5 A ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: olhando para o ambiente.....	23
2.6 A BUSCA DA PAZ NAS ESCOLAS: olhando para o papel das instituições	32
2.7 O ESPORTE NA ESCOLA E A EXACERBAÇÃO DA COMPETIÇÃO: olhando para nossa ferramenta.....	35
3. MÉTODOS DA PESQUISA	39
4. RESULTADOS	43
4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS: o universo da pesquisa de campo.....	43
4.2 Análise da observação sistemática.....	43
4.3 Análise de conteúdo da fala dos diretores	51
4.4 Análise de conteúdo da fala dos docentes.....	60
4.5 Análise de conteúdo da fala dos discentes	64
5. REFLEXÕES FUNDAMENTAIS.....	69
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
7. REFERÊNCIAS.....	74
8. ANEXOS.....	79

1 INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, provavelmente, a violência seja um dos fenômenos mais intrigantes do nosso cotidiano, um fato que a cada dia que passa se apresenta de forma multifacetada, seja na mídia escrita, televisiva ou até mesmo de forma explícita. Nesse sentido, começamos perceber que inúmeras instituições e até mesmo a própria academia esteja voltando esforços a entender, refletir e mediar tais desajustes sociais. Sendo assim, verificamos que esse entendimento seja um dos maiores desafios dos teóricos contemporâneos, pois de acordo com Minayo e Souza (1997) a violência é um fenômeno de difícil entendimento não se podendo atribuir a um único agente motivacional, sua ocorrência.

Percebe-se, então, que a violência extrapolou a esfera da segurança pública, ou seja, é um fenômeno que merece uma audiência interdisciplinar. Com isso, verificamos que a violência e suas dimensões não sejam mais uma especificidade da profissão policial, pois é muito comum em dias atuais verificarmos médicos, psicólogos e até professores envolvidos, cada um dentro de suas especificidades a este fenômeno. No entanto, uma das questões mais preocupantes na atualidade é a violência ter atingido a instituição escolar, pois de acordo com Elias (2011) uma sociedade civilizada consegue resolver suas desinteligências através do diálogo e não por meio da bestialidade. Ainda alinhado a esses pensamentos, Gadotti (2000) de forma complementar justifica que a educação liberta o ser humano da opressão, fazendo com que o mesmo não seja mais coadjuvante na esfera social.

Partindo dessa premissa verificamos que a instituição escola, a figura-professor e até mesmo o processo ensino-aprendizagem não se alinham à dimensão da prática de violências. Entretanto, a realidade atual tem se mostrado de forma diferente, muitas ocorrências de violências têm acontecido em ambientes escolares, fato esse que era pouco comum em outras épocas.

Um dos casos recentes e especificamente no Rio de Janeiro foi o do menino de 10 anos que atirou na professora e depois se matou no dia vinte dois de setembro de 2011. O aluno pediu para ir ao banheiro quando voltou atirou na professora, saiu da sala foi para o corredor e atirou em si mesmo. O menino era filho de um guarda municipal que sentiu falta de sua arma – Em São Paulo os Guardas

Municipais usam armas – foi até o colégio para tentar recuperar sua arma antes da tragédia acontecer. Ainda não se sabe o motivo do crime. A polícia diz que irá tentar levantar o perfil psicológico da criança (BALZA; BARONI, 2011).

Outro caso foi o da Escola Municipal Tasso da Silveira em Realengo no dia sete de abril de 2011 – conhecido como o Massacre de Realengo - onde um ex-aluno se fez passar por um palestrante, entrou no colégio e matou 12 crianças que nada de mais faziam, além de estar em suas salas de aula estudando. Como um homem pode vir a fazer tal atitude tirando vidas de pessoas que nada tinham a ver com os seus problemas. As agressões sofridas por ele na época em que estudava no mesmo colégio onde ocorreu a chacina não justifica esta tragédia. Hoje os especialistas afirmam que o autor desta tragédia sofria de algum transtorno psiquiátrico, porém temos que pensar no que este rapaz passou a ponto de querer matar, pessoas que nada tinham a ver com o que ele sofreu anteriormente.

As cartas e imagens que foram encontradas na casa de Wellington – autor do massacre de Realengo – são comparadas a alguma máfia como a Al Qaeda. Foram encontrados vídeos onde ele diz que é um “guerreiro e que virou um combatente, mas que já tinha sido fraco” (BRAZIL, 2011).

Provavelmente, este rapaz tinha alguma característica ligada à violência, mas será que se ele não tivesse sofrido bullying teria praticado tal violência? Não temos como saber, porém, este caso nós mostra o que pode acontecer a alguém que tenha sofrido de bullying e só afirma a questão de que o esse fenômeno deixa marcas para o resto da vida.

Outro exemplo foi o menino de quatorze anos do Colégio São Bento no dia 26 de maio de 2011, considerado uns dos colégios mais tradicionais no Rio de Janeiro, que agrediu outro colega de seis anos. Sem um motivo aparente um rapaz de doze anos deu três rasteiras em um menino de seis anos. O agredido ficou quarenta e oito horas em observação no hospital, fisicamente passava bem e a única punição para o agressor foi uma suspensão. A escola agiu como se fosse algo da idade, dizendo que foi uma “brincadeira inconsequente”.

O menino agredido era filho de médicos e foi matriculado no colégio São Bento por achar que o mesmo possui uma tradição, um nome e acabou por marcar a

vida de seu filho de maneira trágica. Os pais não aceitaram a escola dizer que foi brincadeira ou acidente, para os pais foi um ato de brutalidade (MEDINA; BRISO; PIMENTA & SERQUEIRA, 2011).

Nas escolas que foram pesquisadas também foram registrados casos de violências, principalmente com alunos/as do primeiro ano do ensino médio, feitos por alunos/as do terceiro ano do ensino médio. Estes/as alunos/as passam por estas atitudes de violência com a justificativa de estarem sofrendo trote por parte dos alunos/as mais antigos/as na escola.

São vários tipos trotes em sua grande maioria visam minimizar, estigmatizar e humilhar estes alunos/as.

Tais alunos/as são obrigados a pedir dinheiro na rua, são submetidos a passar por situações humilhantes como: se arrastar no chão para passar por cima de uma linha imaginária, alguns tem os cabelos cortados, sobrancelhas raspadas, rostos pintados, e diversas tantas outras atitudes que possuem o intuito apenas de atingir estes alunos/as de maneira negativa.

Dentro da rede FAETEC existe o JET (Jogos das Escolas Técnicas) onde ocorre o campeonato de diversas modalidades esportivas onde alunos/as das escolas do grupo FAETEC competem entre si.

Nessas escolas existe uma rivalidade, pois, os alunos/as tem uma grande rixa que vem de muito tempo, porém, não se sabe de onde e nem o que motivou este tipo de disputa entre eles. Por conta desta rivalidade a violência nos dias de competição é frequente, tanto nos locais dos jogos, com xingamentos e intimidações, como em outros ambientes longe dos locais de competição. Fora do ambiente de competição, como exemplo mais enfatizador de violência podemos citar o fato de que os alunos/as não podem andar nos arredores das escolas, ou seja, um aluno não pode ir à escola do outro, caso contrário poderá haver algum tipo de punição, como por exemplo, violência verbal e física.

Como ex-estudante da Escola Técnica Visconde de Mauá, presenciei muitos destes casos e vivi alguns. Levando-me a crer que este tipo de violência acabou sendo naturalizado, pela justificativa de ser trote.

Atitudes como estas devem ser levadas em conta no sentido de entendermos o porquê estas práticas de violência são realizadas no ambiente escolar, espaço onde o aluno está presente para aprender, se construir e trocar conhecimento. Quando pensamos a escola de uma forma geral e as possibilidades de ocorrências de violência, devemos imediatamente considerar em que momentos e espaços essas violências podem ocorrer. A escola como um local de aprendizado e troca de informação deve ser um ambiente onde haja manifestações de inclusão e respeito às diferenças, combatendo qualquer tipo de agressividade e intolerância. Espaços dentro da escola onde os alunos/as se vêem “livres” ou ambientes que fazem com que os alunos/as manifestem situações de violência devem ser monitorados de maneira mais cautelosa a fim de minimizar este tipo de ação.

A hora do recreio, o intervalo, o chamado “tempo vago” podem ser espaços onde haja manifestações de violência. Outro momento onde podem ocorrer situações de violências são nas aulas de Educação Física Escolar (EDF). Inserir a questão da violência nas aulas de EDF é importante, pois são nestas aulas que os discentes colocam em prática toda a sua cultura corporal, fazendo com que manifestem suas atitudes de forma mais direta.

Nas aulas de EDF escolar há diversos casos que exemplificam atitudes de preconceito e discriminação, fazendo uso de metáforas discriminatórias com os alunos/as. Praticantes de tais ações fazem de maneira calculada, pensada propositalmente visando atingir o aluno. No contexto da EDF, isso fica mais evidenciado nas aulas práticas, pois é onde alunos/as colocam em prática a sua cultura corporal, juntamente com a bagagem cultural e social que cada indivíduo possui, fazendo com que as diferenças apareçam de maneira mais evidente.

Em relação às aulas de EDF escolar, segundo Darido (2001) os alunos/as fazem a aula com muito prazer e ansiedade. Tal afirmação só faz ver que as aulas de EDF escolar possuem boa aceitação pelos discentes. Porque então, praticam ações violentas uns contra os outros na aula onde eles/elas mais gostam?

Nesse contexto, não podemos deixar de pensar no papel do docente. Qual seria seu papel como mediador e transmissor de valores e cultura?

Teoricamente o docente deve agir de maneira a inibir e minimizar tais questões e ficar atento com alunos agressivos e zombadores, pois o que pode ser visto para uns como “brincadeira”, para outros/as pode caracterizar algo que leve a este aluno/a a situações de sofrimento e constrangimento (OLIVEIRA, VOTRE, 2006).

O discente que possui um perfil mais interiorizado, calado e introspectivo, acaba aceitando tais práticas e não tomando nenhuma atitude, o que pode acarretar em problemas tais como: prejuízo na constituição familiar, problemas de socialização no trabalho, comprometimento no que diz respeito ao relacionamento psicossocial, problemas no rendimento escolar, acadêmico e psíquico da criança, adolescente e adulto (FANTE, 2005).

Nas escolas, nos deparamos com certas atitudes que podem levar a aluno/a a praticar ações de violência e desrespeito. Nas aulas de educação física escolar, os alunos/as, deveriam agir buscando a aceitação as diferenças dos demais colegas e o convívio pleno e satisfatório entre os/as alunos/as. Porém, deparamo-nos com diversos casos de alunos/as praticando atos de preconceito e violência contra seus/as colegas sem levar em consideração o mal que estas práticas podem acarretar na vida de tais indivíduos.

As chamadas “brincadeiras”, apelidos, e atitudes de desrespeito na escola, por muitas das vezes, são tão perigosas que podem levar a morte (suicídio ou homicídio). Como exemplo de motivo para ações que podem acarretar em atitudes violentas, podemos destacar entre outros, a habilidade motora, que pode vir a contribuir para práticas discriminatórias e de violência, se interpretada de maneira preconceituosa, pois as diferenças de habilidades entre meninos e meninas podem culminar em conflitos de gênero (LOUZADA, DEVIDE, 2006). Discriminação por raça, estereótipo e classe social também são algumas das características que levam o aluno/a a praticar violência.

Santos, (1990) ao realizar um estudo sobre a violência no futebol brasileiro elaborou um sistema de categorias que pode contribuir para entendermos as manifestações de violência de um modo geral. Este sistema foi construído para o

ambiente do futebol, mas pensamos que a sua utilização talvez seja útil em nosso estudo. O sistema de categorias foi construído a priori, ou seja, a partir de conceitos de violência. Além disso, foi validado pelos critérios de exaustividade e validade de conteúdo. A exaustividade refere-se ao fato de o sistema de categorias criado classificar todos os eventos que se propunham a analisar. A validade de conteúdo está relacionada ao fato de o sistema de categorias cobrir todas as conceituações de violência utilizadas. Para o autor, as mais comuns seriam: agressão física, ameaça, coação, fraude, furto/roubo, indução, ofensa, suborno e vandalismo.

Mediante aos questionamentos abordados acima sobre violência, formulamos o seguinte *problema*:

O que leva os/as alunos/as do terceiro ano do ensino médio a praticar violências nas aulas de educação física escolar?

A pesquisa possui os seguintes *objetivos específicos* i) descrever os tipos de manifestações de violências mais evidenciados nas aulas de EF escolar dos alunos/as do terceiro ano do ensino médio; ii) Identificar os etnométodos de exclusão mais comuns nas falas dos discentes; iii) verificar como os discentes se socializam nas aulas práticas de EF escolar; iv) observar a atitude dos alunos que sofrem algum tipo de violência perante a classe.

A pesquisa justifica-se pela possível escassez de estudos que abordem a temática da violência nas escolas e com um enfoque maior nas aulas de Educação Física Escolar. Visa através de uma análise reflexiva e crítica, posicionar-se em relação a atitudes violentas de maneira que tais atos não sejam mais tolerados pelos discentes. A reflexão sobre a questão da violência nesta faixa etária é importante a fim de resgatar os conceitos de tolerância e respeito e assim poder sensibilizar os/as alunos/as, para que não contribuam com as práticas de intolerância, intimidações e ameaças e não naturalizem essas ações, saibam conviver em grupo respeitando a individualidade de cada um e suas diferenças.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 REFLETINDO SOBRE A VIOLÊNCIA: alguns olhares.

Neste tópico vamos refletir sobre conceitos, teorias e pesquisas formuladas e realizadas por autores que discutiram esse fenômeno. Nesse sentido, inicialmente, apresentamos alguns conceitos e dialogamos com autores que discutiram a violência em várias dimensões. Finalmente, formulamos uma síntese de nossas concepções sobre o fenômeno e de como iremos refletir sobre o mesmo.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), 2002, define violência como

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (p. 42).

A partir desse conceito a violência pode ser vista como o resultado de características culturais, de fatores sociais e individuais de cada indivíduo, tendo em mente as interseções e conexões existentes entre os diferentes níveis, conforme, por exemplo, o modelo ecológico de violência que são divididos em: individual, relacional, comunitário e social (BRONFENBRENNER, 1996).

Segundo o que diz o modelo ecológico, o individual está relacionado a fatores históricos, sociais, biológicos e pessoais que têm em seu comportamento, fazendo com que esta pessoa seja vítima ou perpetrador da violência.

Já o nível relacional diz respeito às relações sociais próximas, relações com companheiros/as, parceiros/as íntimos e membros da família que aumentam o risco de vitimização violenta e perpetração da violência.

O comunitário analisa o contexto das relações, como escolas os locais de trabalho e a vizinhança e busca identificar as características destes cenários.

E finalmente, o social que analisa os fatores de risco mais amplos que influenciam os índices de violência como, por exemplo, as normas culturais; que apoiam a violência como uma forma de solucionar problemas e conflitos; normas

que reafirma o poder masculino; normas que dão prioridade aos direitos dos pais sobre os filhos (KRUG *et al.*, 2002).

Ainda recorrendo à OMS (2002), a violência é classificada pela natureza dos atos cometidos como: (a) violência física: uso da força para produzir lesões, traumas, feridas, dores ou incapacidades; (b) violência psicológica: agressão verbal, gestual com objetivo de aterrorizar e/ou amedrontar e humilhar a pessoa, restringindo-a de seu convívio social; (c) violência sexual: ato ou jogo sexual que acontece nas relações heterossexuais ou homossexuais, visando estimular a vítima para prática sexual ou erótica e pornográfica; negligência ou abandono: ausência, reclusa ou deserção da atenção a alguém que deveria receber cuidados.

A classificação da violência por natureza ou por outra característica é tida como imperfeita, pois não traduz completamente a complexidade do tema. Embora, seja útil para nos fazer compreender os complexos padrões de violência que ocorrem no mundo. Em relação à escola, também não deve haver conhecimento total sobre a violência social, o que nos leva a crer que há uma pluralidade de conhecimentos e de representações que levam uma pessoa a agir com violência dentro ou fora do ambiente escolar. Características culturais nem sempre têm relação com atos de violência e são inúmeras as relações que podem levar um indivíduo a praticar violência. Uma delas é caracterizada como violência interpessoal que ocorre no ambiente escolar e é definida como a violência de uma pessoa contra a outra, ocorrendo em nível familiar e comunitário, sendo o nível comunitário locais de trabalho, abrigos e escolas (KRUG *et al.*, 2002).

Embora as características sociais nem sempre vão condizer com as atitudes de violência, pode-se afirmar que a violência é um comportamento cultivado e assimilado socialmente e está relacionado ao meio. O instinto humano e a genética podem contribuir para que uma pessoa possa agir com violência, porém o meio de maneira negativa ou positiva poderá fazer com que tal pessoa assuma uma postura violenta ou não (WISEMAN, 2012).

A agressividade é um impulso, essencial a sobrevivência e a adaptação aos seres humanos (FREUD, 1980). Ela define a construção do espaço interior do indivíduo. Contrariando o conceito de violência, a agressividade se inscreve dentro

do próprio projeto de construção de subjetividade entre o eu e o outro, fazendo com que a pessoa que faz a agressividade seja impulsionada de maneira a tomar tal atitude sem pensar.

Pessoas que convivem com a violência interpessoal, estão mais condicionadas a praticarem agressividade por estarem inseridas em um contexto de violência familiar e/ou doméstica mais exacerbado, fazendo com que tais pessoas naturalizem esta agressividade transformando-a em violência e levando-a para diversos locais, como a escola.

No ambiente escolar, há uma dificuldade de se conceituar violência. Debarbiex *apud* Assis, Marriel (2002) apresentam dois termos: incivilidade e intimidação. Para Debarbiex *apud* Assis, Marriel (2002) a incivilidade é um componente sociológico da intimidação. Sendo grave não apenas a incivilidade, mas a repetição, a sensação de abandono e a impunidade que se desenvolve entre os que praticam a violência.

A indisciplina, que é conceituada como negação ou privação de disciplina, desordem, descontrole e falta de regras, está intimamente relacionada à incivilidade, pois onde a indisciplina existe uma linha tênue entre a violência e a agressão, fazendo com que os/as alunos/as que sejam extremamente agressivos e violentos com professores, funcionários e colegas de turma.

Ao falar de violência na escola, recorreremos a Ristum (2010), que elaborou um sistema de categorias que ilustra de maneira clara os tipos de violências que ocorrem na escola. A autora destaca três tipos de violência que se desdobram em mais grupos, são eles: a violência na escola, violência da escola e violência contra a escola.

Violência contra a escola está relacionada à desvalorização social e o empobrecimento do professor, pois quando se desqualifica a escola está se desqualificando o professor/a. A sociedade vem colocando uma responsabilidade muito grande em cima do docente fazendo com que o mesmo arque com todas as responsabilidades, seja ela positiva ou negativa, que ocorrem no âmbito escolar, porém esta mesma sociedade desrespeita o/a professor/a. Reconhecer que a

educação é importante para o desenvolvimento e construção do país consequentemente com a valorização do magistério, passando pelas questões salariais, formação e condições de trabalho digno podem vir a ajudar na diminuição da violência na escola (RISTUM, 2010).

Não acontecendo o reconhecimento, esta desvalorização passa a ser um objeto de violência tanto em relação ao que adentra os muros da escola, quanto ao que se processa no seu interior, levando em conta uma dinâmica institucional.

Os professores/as não são preparados para lidar com a violência. A lacuna existente na formação dos professores não permite que ele/a venha a lidar com este tipo de problema (RISTUM, 2001). Meio a tal descaso, podemos citar algumas iniciativas institucionais que sinalizam uma atitude positiva para a valorização deste docente. Projetos como “Escola Aberta”, “Paz nas Escolas” e “Escola que protege”, são iniciativas de capacitação de educadores par a violência. Outro tipo de violência inserida dentro da violência contra a escola está à ação de pessoas ou grupos externos à escola.

Depredações, arrombamentos, roubos, pichações realizados por pessoas alheias a escola é muito comum, infelizmente. Principalmente as escolas públicas sofrem com este tipo de ação que acontece muito nos finais de semana. É comum também ver pessoas que não fazem parte do meio escolar transitando nos corredores e pátio vendendo coisas e por vezes utilizando do espaço escolar para ingerir e vender drogas (RISTUM, 2010).

Para minimizar tais atitudes as escolas são monitoradas por câmeras de vídeo, grades, muros e janelas para tentar evitar o acesso de pessoas estranhas no interior das escolas. O policiamento também é reforçado pela guarda municipal e polícia militar na porta da escola e arredores. Porém, é plausível pensar em uma organização estrutural e organizacional na dinâmica de funcionamento da escola pode ajudar a prevenir tais atos.

Passamos para o segundo tipo de violência que é a violência da escola.

Caracterizada como uma violência ligada às políticas educacionais, mais especificamente a maneira como se estabelece as hierarquias no sistema educacional, a violência simbólica é aquela a qual o/a professor/a pode ser vítima ou autor (BOURDIEU, 1989).

Em relação ao docente ser autor, podemos pensar na ausência de democratização dos sistemas educacionais, que acabam por favorecer os alunos de classes socioeconômicas mais altas, sobre os alunos de classe inferior, fazendo com que haja diferença de tratamento, por parte do professor. Ou seja, ao privilegiar a linguagem dominante dos que já são tidos como superiores, porque possuem uma bagagem cultural e linguística dominante, o professor legitima um tratamento diferenciado ao perceber como violentos são os mais desfavorecidos (RISTUM, 2010).

Neste sentido, pode-se afirmar que as estratégias pedagógicas e as práticas linguísticas não condizem com a maioria dos discentes, fazendo com que haja uma ineficiência antidemocrática a discriminar e excluir grande parte da população escolar vigente.

A ideia de violência simbólica está ligada a necessidade de uma aceitação de normas estabelecidas na escola, tanto por parte de quem exerce, quanto de quem é submetido à violência. Para tentar combater este tipo de violência das escolas há de se obter situações de confronto no sentido de proporcionar ao professor condições para se rebelar contra a violência simbólica. Porém é preciso que o docente saiba que este poder é arbitrário e, portanto, não é legítimo fazendo com que se mantenha submetido a ele (RISTUM, 2001).

Os símbolos são elementos estruturados e estruturantes do conhecimento, sendo assim, o docente usa de maneira dominadora o que chamamos de violência simbólica. Porém, o docente também é vítima de tal violência ao se deparar com prazos a cumprir, programas a para apresentar, formulários a preencher e etc, atendendo as ordens vindas acima dele. Pode-se observar então que o docente assume dois papéis um de representante do poder ou dominador do sistema em que está inserido (RISTUM, 2001).

Chegamos ao último tipo de violência que é a violência na escola.

Este tipo de violência é o mais conhecido e divulgado na mídia e mais facilmente identificado pelos profissionais da escola. A violência escolar possui diversas modalidades: violência entre alunos, de aluno contra professor, de aluno contra funcionário, de aluno contra a escola e violência de professor contra aluno e outras, porém neste trabalho, estas serão enfatizadas (RISTUM, 2010).

Podemos ver nos trabalhos de dois autores que a violência entre alunos/as é a mais apontada nas pesquisas. Segundo Sposito (2001), a violência na escola que mais ocorre é a entre alunos, podendo se manifestar de diversas formas tais como: brigas com ou sem violência física, ameaças, roubo de material, rixas e etc. Na pesquisa de Ristum (2001), este tipo de violência foi a mais apontada, tanto na escola pública (93,1%), quanto na escola particular (83,3%) superando as outras categorias de violência escolar.

Na pesquisa de Ristum (2001), as professoras destacaram mais a violência ocorrida fora da sala de aula, especificamente, na prática de esportes, afirmando que nas aulas de EF, os/as alunos/as ao manifestarem sua cultura corporal de movimento, se não forem bem supervisionadas podem acarretar em atos de violência entre os colegas.

Outro tipo de violência na escola é a violência de aluno contra professor. Este tipo de violência ocorre na maioria das vezes, quando o docente perde o controle da turma, ou quando toma uma atitude, ou sugere uma atividade que é negada pelos/as alunos/as. Mais comum entre os alunos de segundo grau e nona série do fundamental, o docente se sente ameaçado e com medo ao sofrer este tipo de violência, que por vezes chega até a ser uma ameaça de morte (RISTUM, 2010).

A violência de aluno contra funcionário também está nesta mesma categoria. Quando algum funcionário seja inspetor, servente ou merendeira tenta reprimir algum aluno/a por ter feito algo de errado, o/a aluno/a ameaça a fazer algo com o devido funcionário fora do ambiente escolar. Em alguns casos diz saber onde o funcionário/a mora e ameaça ir até a casa deste funcionário/a para agredir.

Muitos/as funcionários/as por medo das ameaças ou receio de que aconteça algo com seus familiares nada fazem ao serem reprimidos pelos/as alunos/as. Sentem-se acuados com isso acabam por contribuir, sem querer, para que este tipo de violência continue.

Quando um aluno/a depreda quebra equipamentos de uso da escola, rabisca mesas, faz pichações, todas estas atitudes são caracterizadas como vandalismo e são mais frequentes na rede pública, embora haja um pequeno índice na rede particular. Estas ações de violência contra a escola são da categoria violência de aluno contra escola e estão inseridas nesta categoria (RISTUM, 2010).

O/a professor/a deve assumir o papel de ensinar e acolher seus/as alunos/as, mas nem todos/as são assim. A violência psicológica é o tipo de violência mais usada contra os discentes, se equiparando à violência simbólica, que são praticadas pelos docentes para os discentes. Este tipo de violência, a psicológica, algumas vezes, não é considerada como uma violência, pois muitos docentes não percebem que estão praticando este tipo de violência.

O comentário pejorativo também pode ser caracterizado como violência psicológica (SOUZA, RISTUM, 2005). Que pode ser o comentário que visa depreciar o comportamento do aluno ou zombar. Este tipo de comentário coloca o aluno em uma posição humilhante e de constrangimento perante seus/as colegas.

Existem ainda os docentes que dão muito mais atenção aos discentes que possuem um comportamento tido como diferente ou inadequado, pois assim, zombam e fazem comentários pejorativos para com os discentes contribuindo para que seja criando um ambiente desfavorável, fazendo com que haja uma inversão de valores o docente passa a assumir um papel de agressor e não de educador.

2. 2 O BULLYING NAS ESCOLAS: um olhar contemporâneo.

Ao falar de violência na escola não poderíamos deixar de falar de algo que vem preocupando aos professores/as, alunos/as, pais, e até a mídia que é denominado de bullying.

O bullying até pouco tempo não era tanto estudando, mas com o aumento de casos do mesmo e com a repercussão da mídia o tema passou ser destaques em manchetes de jornais e revistas de todo país. Porém a mídia nem sempre foi clara ao definir o que era realmente, e é o termo bullying, e muitas vezes, naturalizou ações que não eram consideradas como tal. Com isso confundiu a população fazendo com que qualquer tipo de apelido ou xingamento fosse considerado bullying e nem sempre isso pode ser afirmado. Outro tipo de naturalização é se acostumar com a agressão. Não podemos considerar o bullying como sendo algo natural, como apelidar, ou brincar de maneira agressiva e pejorativa, pois se causou angústia e sofrimento para quem recebe a ação pode ser caracterizado bullying.

Brincadeiras da idade ou apelidos colocado nos colegas devem ser respeitadas e os apelidados devem querer receber o apelido. Não se deve rotular tudo de bullying. Ou seja, algumas brincadeiras e apelidos seriam 'naturais'.

Por outro lado, quando as brincadeiras e apelidos mencionados acima causam dor e sofrimento, aí sim devemos considerar bullying. Nesse ponto, surge uma confusão, porque ainda há docentes que acham que este tipo de comportamento é da idade e deve ser relevado. Há de ser verificar se há sofrimento para que o discente não venha a sofrer com atitudes maliciosas (PEÇANHA & DEVIDE, 2010).

Para uma ação ser caracterizada como bullying deve haver algumas características tais como: repetição do ato agressivo e/ou violento, incômodo por parte da vítima, relação desigual entre agredido e agressor (RISTUM, 2001).

Segundo Lopes Netto (2005, p.15)

o bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou

mais estudantes contra outros (as) causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder”.

O bullying passou a ser estudado no Brasil na década de 1990 (LOPES NETO, 2005) e com o aumento da sua exposição na mídia fez com que muitos autores estudassem sobre o assunto.

Existem vários tipos de bullying que são subdivididos em duas categorias: o bullying direto e o indireto. O bullying direto ocorre mais entre os alunos, são agressões físicas, verbais e hostis, gestos e ameaças que uns fazem contra um ou outros, buscando intimidar, coagir e até roubar. O indireto é mais praticado entre as meninas e pode ser percebido em forma de indiferença, difamação e coação. Pode haver agressão física, mas na maioria é feito de maneira a afastar uma ou mais meninas de um grupo, fazendo com que a vítima fique isolada (LOPES NETO, 2005). Embora este binarismo aconteça não é contínuo, pode ocorrer o contrário e a menina praticar um bullying direto e vice-versa, não a um padrão.

Em uma pesquisa feita pela Abrapia (2002), em escolas do município do Rio de Janeiro com crianças do 6º ao 9º série, são mencionados vários tipos de ações que são caracterizados como sendo bullying: colocar apelidos, ofender, gozar, encarnar, humilhar, discriminar, isolar, perseguir, assediar, dominar, agredir, ferir, roubar e etc.

Vários tipos de atitudes e ações violentas são caracterizados como bullying, porém nem tudo pode ser denominado como bullying. O contexto tem que ser analisado, as condições em que aconteceu a ação, se não tudo vira bullying e fica natural achar que todo apelido ou brincadeira seja denominado bullying e para que seja realmente a de possuir as características da definição.

Outra manifestação do bullying que vem ocorrendo de maneira bem rápida é o cyberbullying. Parece ser mais grave ainda, pois, não tem autor definido, não tem limite geográfico e está inserido em um ambiente onde todos/as podem ver que é a internet. Foge do controle, por não se saber a o certo quem realmente fez determinada ação (CAMPBELL, 2007).

Fora da sala de aula, outro local que também é praticado o bullying é o pátio na hora do recreio, e nas aulas na parte exterior como aula de EDF. São momentos onde os discentes estão liberando a cultura corporal, praticando saltos, pulos e estão em movimento. Neste momento o docente deve sempre estar de olho para que não haja nenhum tipo de atitude violenta, já que os mesmos estão de maneira mais descontraída e espontânea.

2.3 HOMOFOBIA NAS ESCOLAS: o olhar do preconceito (ofensa)

Outro assunto que tem sido bem explorado pela mídia são os casos de homofobia nas escolas, que infelizmente vem crescendo a cada dia. Muitas vezes por preconceito e até por falta de preparo dos docentes e da direção para lidar com o problema.

O termo homofobia pode ser interpretado como qualquer tipo de agressão física e verbal, ação de isolamento ou medo de ser homossexual. Diz respeito ao sentimento de ódio, repulsa e aversão ao homossexual, manifestando-se em forma de violência física ou simbólica (GROSSI, UZIEL, MELLO, 2007).

Na escola, quando os alunos/as estão na fase da adolescência, alguns já começam a se assumir como sendo homossexual e muita das vezes viram chacota e motivo de briga entre os colegas de turma.

No ensino fundamental, por ainda serem muito novos e ainda não terem uma percepção maior sobre a sexualidade algumas crianças ainda não conseguem se assumir como homossexual. Porém, alguns por manifestarem uma identidade de gênero “diferenciada” da maioria acabam sofrendo com insultos e xingamentos de cunho homofóbico, pelo simples fato de ser diferente e/ou “aparentar” ou ter atitudes que “deveriam” ser do sexo oposto.

A identidade de gênero (IG) pode ser vista como padrão ou regra estabelecida relacionada ao comportamento, às ações, aos modos de se relacionar, vestir e falar que definem o indivíduo como um cidadão (LOURO, 1997). Então quando um/a aluno/a foge do padrão tido como norma para a sociedade, eles/as são

rotulados de maneira preconceituosa, geralmente com apelidos discriminatórios como: ‘viadinho’ e menina, dependendo do sexo.

Outra maneira de manifestar a homofobia nas escolas é usar da pouca habilidade motora dos alunos/as para ofenderem com insultos homofóbicos como se ser homossexual fosse uma identidade sexual desviante. Por exemplo, um menino que não tem uma boa habilidade motora com jogos com bola é na maioria das vezes taxado de ‘viadinho’ ou ‘menina’, porém a identidade sexual do aluno nada tem a ver com o fato dele ter ou não uma boa habilidade motora com jogos com bola. O mesmo acontece com as meninas que são rotuladas em sua grande maioria de “*sapatão*” e “*menino*”, quando as mesmas possuem uma boa habilidade com bola ou jogos relacionados mais a cultura masculina (SILVA; DEVIDE, 2009).

Detalhes como estes devem ser observados, pois o fato do discente ter muita ou pouca habilidade com algum tipo de modalidade esportiva não tem ligação com a identidade sexual do indivíduo e sim com a bagagem cultural que ele trás de casa. Muitas crianças antes de entrarem na escola têm contato com algum tipo de esporte e por este motivo possuem uma afinidade maior com um determinado esporte.

A identidade sexual (IS) não tem relação com a habilidade motora e sim com o desejo sexual que uma pessoa sente pela outra, independente de ser do mesmo sexo ou do sexo oposto. A IS está relacionada à como cada indivíduo vive sua sexualidade, seus desejos e prazeres corporais (GOELLNER, 2005).

Segundo o Boletim da Agencia de Notícias dos Direitos da Infância (2001), adolescentes homossexuais são os que mais sofrem com a exclusão social, com o preconceito e ficam sujeitos a marginalização dentro de casa. Quando a família não apóia a identidade sexual dos filhos/as muitos acabam saindo de casa, por vontade própria ou por serem expulsos de casa.

Muitos docentes por falta de conhecimento e de preparo para lidar com questões como a sexualidade na escola acabam sendo homofóbicos com seus alunos/as. Como docente, ele/a pode não aceitar, mas respeitar e ser tolerante por uma questão de princípios, que deve passar por cima de dogmas quando o assunto é educação.

Não podemos naturalizar as atitudes de homofobia nas escolas, estas ações devem ser recriminadas e abolidas do ambiente escolar. Se calar perante a um ato homofóbico, pode ser considerada uma naturalização ou aceitação, pois nada fazer pode ser considerado dentro da escola algo como natural. Segundo Perfeito (2011), “se não houver aquele que ensina e propaga ofensa a homossexuais, não haverá aquele que aprende nem agride”. Ora, se um indivíduo achar natural não se posicionar perante a uma ação de homofobia, daqui a algum tempo ele estará fazendo o mesmo e aí se torna um aprendizado homofóbico que é passado de professor/a ou aluno/a para outros/as alunos/as.

Em 2012 a presidente do Brasil Dilma Rousseff cancelou a distribuição do chamado “kit gay” para as escolas, o que poderia ser um material didático para poder abordar a temática da homossexualidade nas escolas. Houve certa polêmica em relação a este kit, pois a bancada evangélica da Câmara dos Deputados foi contra ao projeto do kit gay, sem falar que alguns políticos da base aliada da presidente eram contra, o que também fez com que a mesma tomasse esta decisão. Em outras palavras, o cancelamento da distribuição do kit foi mais uma imposição do que outra coisa. O kit iria agir como base de informação e atualização de professores no sentido de ajudar a lidar com a sexualidade na escola e casos de homossexualidade e transexualidade, porém mais uma vez sofreu com o preconceito e não pôde ser levado adiante.

A homofobia é algo que está presente nas escolas e deve ser trabalhado de maneira a ser evitado. Não podemos achar natural uma pessoa ser agredida por ser homossexual ou por “aparentar” ser homossexual. Políticas públicas devem ser feitas no sentido de atualizar os professores para que os mesmos não reproduzam este tipo de violência que ocorre dentro das escolas. A tolerância e o respeito devem ser levados em conta quando se diz respeito à sexualidade, pois é uma individualidade do ser humano.

A violência de todas as formas e maneiras que ocorrem na escola deve ser trabalhada juntamente com os responsáveis, professores/as, alunos/as para que em comum todos/as possam agir em conjunto para que atitudes de agressão sejam elas

verbais, hostis ou físico possa ser minimizado dentro das escolas.

2. 4 A PRÁTICA DA VIOLÊNCIA E SEUS ATORES: olhando para quem pratica e sofre

Agora falaremos sobre os atores sociais desta prática tão perigosa e traumática, e, quais as consequências de quem pratica e recebe a violência. Podemos classificar estes atores em: agressores, vítimas e expectadores. Os três participam direta ou indiretamente das atitudes de violência.

Os agressores em sua maioria são de ambos os sexos, possuem um traço em sua personalidade de desrespeito e maldade que também pode estar ligado a um perigoso poder de liderança. Podem agir sozinhos ou em grupo, dependendo do objetivo da agressão. Mantêm uma aversão as normas e não aceitam ser contrariados. Muitas das vezes quando não são recuperados, são condicionados ao desvio de conduta (SILVA, 2010).

A observação histórica e cotidiana tem mostrado que pessoas que possuem a característica violenta, na maioria das vezes, começam a demonstrar desde cedo a agressividade. Muitos podem começar praticando furtos, roubos, depredando o patrimônio da escola e depois passam a praticar violência na escola.

Segundo Silva (2010), a vítima é aquela pessoa que sofre a violência. Cada vítima possui uma característica diferente, sendo dividida em três tipos: a típica, a provocadora e a vítima agressora. As vítimas são pessoas que geralmente são introspectivas e fechadas, aceitam ser rotuladas e não reclamam. Podem ter passado por algum tipo de problema na família, como separação dos pais ou morte de um parente próximo, se 'fecham' em um mundo e são questionadas quanto a não interagirem com a chamada 'turma'. Podemos destacar três tipos de vítimas: típica, provocadora e a agressora.

A vítima típica é aquela que não apresenta uma capacidade de socialização. São muito tímidas e reservadas e não reagem a comportamentos provocadores e agressivos. Possuem uma característica marcante e diferente das demais que pode

ser uma característica corporal. São vítimas por usarem um tipo de roupa tido como “diferente” dos demais ou possuem alguma característica que as faz diferente dos outros discentes. Os motivos são injustificáveis e banais (SILVA, 2010).

Pessoas que usam roupas diferenciadas se expressam de maneira diferente, podem ser denominadas por possuírem uma identidade de gênero (IG) tida como diferente, da maioria e por este motivo são alvo fácil de violência.

Por fugirem do que é tido como “padrão” acabam por sofrer sem muita das vezes entenderem o porquê, pois para estas pessoas não é percebido a “diferença”. Este tipo de vítima é facilmente percebido por serem extremamente passivos submissos e inseguros. Podem possuir uma baixa auto-estima, falta de coordenação motora, desmotivação e várias características negativas fazendo com que os levem a serem pessoas reprimidas e desmotivadas.

Outro tipo de vítima é a provocadora, que são aquelas que não conseguem responder de maneira satisfatória as ações de violência e acabam brigando ou discutindo com os agressores. Este tipo de vítima é geralmente, extremamente ansioso/a e impulsivo/a, pois não conseguem controlar suas ações e agem por impulso, revidando de maneira também, às vezes, agressiva.

Muitas vezes o agressor sabendo de tal atitude da vítima se aproveita da situação e inverte, fazendo com quem esteja fora da situação pense que o agressor seja a vítima e vice-versa. Por ter uma característica impulsiva este tipo de vítima acaba passando a ser o culpado por revidar de maneira errada contra seus agressores.

Outras vezes, sem perceber, a vítima provocadora acaba sendo prejudicada por ela mesma, por que não consegue descrever claramente o ocorrido. O agressor se aproveita da situação e nada acontece a ele, pois toda a culpa fica para a vítima provocadora, como se ela tivesse causado toda a briga. Desta maneira os verdadeiros praticantes da ação de violência continuam incógnitos em sua prática de agressão. O agressor as vezes é tão esperto que manipula a situação e a culpa passa a ser toda da vítima provocadora.

A vítima agressora diferente da provocadora revida, mas, faz isso em outro colega. Todos os tipos de agressões que são sofridos por este tipo de vítima são reproduzidos em outras pessoas. É como se fosse uma espécie de “revide” que funciona como um efeito “cascata”. Este tipo de atitude da vítima só amplia e transforma a violência em um problema difícil de ser controlado, ganhando proporções ainda maiores e se desdobrando de forma aumentar cada vez mais (SILVA 2010).

Os espectadores são os que testemunham a ação de violência. São divididos em três grupos: espectadores passivos (observam e nada fazem por medo de ser a próxima vítima), expectadores ativos (não participam diretamente da ação, mas manifestam “apoio moral” aos agressores com risadinhas e comentários maliciosos) e os espectadores neutros (que por uma questão cultural, não se sensibilizam com as atitudes de violência que presenciam). São acometidos por uma “anestesia emocional” em função do próprio contexto onde vivem que fazem com que estas práticas sejam intrinsecamente naturalizadas por estes atores (SILVA, 2010).

Espectadores passivos são aqueles/as que na maioria das vezes tem medo de se tornar o próximo alvo de violência. Observam, na maioria das vezes, de longe e nada fazem. Porém participam, pois, estão envolvidos de maneira indireta nas ações de violência que ocorrem na escola. Possuem uma característica muito introspectiva e não são de falar ou fazer muitos/as amigos/as.

Sofrem ameaças por parte dos agressores para que não contem nada a ninguém, por medo ou receio eles acabam cedendo e não relatando nada do que presenciaram. Na maioria das vezes os espectadores não concordam com os agressores, mas se vêem de mão atadas, em relação a tomar qualquer atitude.

O segundo tipo de espectador é o ativo, que participa de maneira indireta. Observa e incentiva as atitudes violentas. São aqueles alunos/as que dão risada, debocham e dão o “apoio moral” aos agressores. Em alguns casos podem ser uns dos possíveis agressores do futuro que observam e acham graça para mais tarde aplicarem em outra vítima.

Misturados junto com estes espectadores podem estar os verdadeiros autores das agressões, os agressores. Eles armam a briga e depois podem se infiltrar entre os observadores fazendo com que nada aconteça a quem de fato começou com a violência. Acometidos pelo que podemos chamar de “anestesia emocional” os espectadores neutros simplesmente não se comovem ao presenciar nenhum tipo de atitude violenta. Muitos deles, porém nem todos, acham natural este tipo de atitude, por conviverem em ambientes que onde a prática da violência é exacerbada, fazendo com que esta prática seja naturalizada por estas pessoas que observam. Talvez por uma questão cultural, estas pessoas de alguma maneira naturalizam a violência e nada fazem a o presenciarem cenas deste tipo.

Pessoas que sofrem com atitudes de violência são marcadas pelo resto da vida e podem adquirir problemas como: Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), depressão, síndrome do pânico, ansiedade entre outros. Por outro lado, os agressores que em muitos casos já possuem uma índole má e/ou podem ter passado por problemas emocionais e vivências familiares desestruturadas que acabam acarretando na naturalização da prática da violência. Agressor e vítima sofrem ou já sofreram algum tipo de descaso e/ou problemas na família, relacionado à violência. No caso das vítimas por guardar a tristeza que sentem, podem sofrer com problemas de relacionamento afetivo e familiar. Quando a vítima não tem um suporte em casa, fica muito mais fácil que ela venha a sofrer alguma doença psicossomática e emocional, tendo depois que ter acompanhamento psicoterápico para reverter à situação.

No caso dos agressores, pode levar ao desvio de conduta, onde muitos podem, mais tarde, se tornarem menores infratores e se não forem recuperados rapidamente chegam ao mundo do crime e das drogas. O sofrimento do agressor muitas das vezes esta relacionada a algo interno que mexe com o seu inconsciente, levando-o a ter uma revolta incontrolável e sem motivo aparente. Ambos devem receber o apoio do conselho tutelar, para que possam ter uma vida saudável livre de angústias.

Alunos/as vem sofrendo com as atitudes de violência na escola. Tanto os agressores, como os agredidos sofrem. Os docentes devem ficar em alerta sempre

procurando identificar as duas características em seus alunos/as fazendo com que posteriormente este indivíduo não venha a sofrer com algum tipo de trauma psicológico na fase adulta. Tanto os agressores como os agredidos passaram por algum fator predominante em suas vidas que os levaram a agir de tal maneira. As punições devem ser feitas aos agressores sim, mas sempre procurando saber o que levou aquele aluno a praticar a violência e desta maneira tentar entender e minimizar as chances que este aluno venha a praticar violência novamente. Aos que sofrem a violência o amparo e a conversa podem ser bons aliados no combate a futuros prejuízos psicológico que os mesmos possam vir a sofrer.

2. 5 A ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: olhando para o ambiente.

Este tópico traz um resgate de como se originou a escola, já que foi neste espaço que a pesquisa foi realizada, e enfatizamos a mesma como formação do saber. Abordamos a importância da EFe como ferramenta de ensino e formação. Mostraremos a importância do/a professor/a na construção do conhecimento e como os alunos/as absorvem as ideias e as transformam em conhecimento.

Antes da escola surgiu o termo educação e a partir daí que foram identificados dois tipos de modalidade educacional. A primeira era destinada aos homens livres, identificados como classe proprietária e a outra era destinada aos negros e serviçais, os não proprietários. A primeira era centrada nas atividades intelectuais, exercícios físicos e na arte da palavra a segunda era voltada apenas para o processo de trabalho.

Segundo Saviani (2007)

A primeira modalidade de educação deu origem à escola. A palavra escola deriva do grego e significa, etimologicamente, o lugar do ócio, tempo livre. Era, pois, o lugar para onde iam os que dispunham de tempo livre. Desenvolveu-se, a partir daí, uma forma específica de educação, em contraposição àquela inerente ao processo produtivo (p. 156).

Toda a educação escolar consistia na especialização e alguém, onde a formação já tinha havido feita pela sociedade em rigor, pela “classe” a que pertencia como as artes escolares (ofícios intelectuais e sociais). O homem era formado pela sociedade em suas próprias “classes” ou “castas”, que eram instituições que incorporavam a família e a religião como forças modeladoras e adaptadoras (TEIXEIRA, 2006).

Na França quando se pensou em uma escola para todos, não se pensava em universalizar a escola, mas sim em uma nova concepção onde a sociedade e os privilégios de classe, de dinheiro e de herança não existissem e o indivíduo pudesse buscar na escola a sua posição na vida social (TEIXEIRA, 2006).

Assim a educação escolar passou a visar a não especialização, mas a formação comum do homem e suas diferentes ocupações em uma sociedade moderna e democrática.

Esta mesma escola antes não buscava uma transformação de verdade, pois ela formava a inteligência, mas, não formava o intelectual fazendo com que houvesse um abismo entre o conhecimento e o conhecedor.

O séc. XIX foi marcado por lutas técnicas e processos novos que permitissem a nova escola com novas ideias de democracia, fugindo dos métodos consagrados da escola antiga que especializava os seus processos e fizera da cultura escolar peculiar e segregada. A escola antiga preparava apenas o homem escolástico, ou seja, homens de escola, homens eruditos, intelectuais, críticos de maneira bem remota. Como em um círculo vicioso os pedagogos não se importavam em passar as mesmas coisas e os mesmos processos que em outras escolas conservando assim o benefício da sociedade tradicional (TEIXEIRA, 2006).

A organização destas escolas não poderia existir sem uma elaboração de conceitos a respeito de artes práticas e artes escolares ou intelectuais. Prevalencia sempre o dualismo grego entre o conhecimento empírico ou prático e o conhecimento racional. Então a escola passou a possuir o caráter de dualismo, onde a oficina do conhecimento racional era a escola e a escola era a oficina do conhecimento prático e uma não conhecia a outra, eram dois mundos diferentes e

poderiam se odiar ou se admitir, mas não se compreendiam e nem se faziam compreender. Apenas com a chegada da ciência experimental que estes dois mundos se aproximaram. Esta nova ciência nasce quando o homem racional resolve utilizar os meios e processos do homem da oficina, não fazer aparelhos ou apetrechos, mas para elaborar o saber e produzir novos conhecimentos (TEIXEIRA, 2006).

Deste novo encontro entre intelecto e a oficina é que surgiu todo o programa de conhecimento específico moderno, onde nada mais é do que, o conhecimento racional tornado real pela ligação com a realidade concreta do mundo e da existência. A partir daí uma nova filosofia do conhecimento se estabeleceu em oposição ao dualismo entre o racional e o empírico. Na verdade, a diferença passou a ser de grau de segurança do conhecimento para natureza do conhecimento (TEIXEIRA, 2006).

O dualismo instituído pelos gregos criou entre o conhecimento racional e o conhecimento empírico um abismo intransponível, onde o velho conhecimento do senso comum, de natureza empírica dominava o mundo das artes, e o conhecimento racional o mundo do espírito, tendo assim um duplo sistema: conhecimento empírico produzia as artes empíricas e resolvia o problema dos indivíduos e seus problemas práticos; o conhecimento racional conduzia o mundo das essências onde estavam a compreensão e a coerência. O conhecimento empírico agia e o racional era pacífico. Na realidade o conhecimento racional veio para substituir o pensamento mítico e religioso (TEIXEIRA, 2006).

O conhecimento empírico foi destinado a não apenas as crenças teológicas do indivíduo, mas suas crenças práticas. O conhecimento experimental, misto de especulação racional e experiência prática iria dar lugar ao conhecimento empírico e produzir novas tecnologias experimentais que por sua vez iriam substituir as artes empíricas. Estes dois sistemas de conhecimento se fundiram em um método comum de pensamento e ação, unificadas e racionais, onde a mudança foi a seguinte: observação do senso comum esta relacionada ao conhecimento empírico e as artes empíricas; a especulação racional ligada ao conhecimento racional e a contemplação do mundo (TEIXEIRA, 2007).

As separações entre prático e o racional ou pratico e teórico desaparecem. Todos os conhecimentos em todas as suas faces tornam-se práticos, tanto em seus objetivos como em seus métodos. A prática, com efeito, era e é a especulação racional.

Segundo Anísio Teixeira (2006)“Nem pelo método e nem pela natureza ou objetivo da investigação, diferem as fases da busca do conhecimento, da sua elaboração teórica ou de sua aplicação” (pág. 50).

Neste sentido, desaparece toda diferença entre indivíduos que estejam pesquisando, ensinando ou aprendendo, ou aplicando o conhecimento no que diz respeito a suas atividades, sejam elas teóricas ou práticas.

A escola deve se construir para em uma agência de educação do novo indivíduo para uma sociedade de trabalho científico e não empírico, preparando os trabalhadores para as três fazes do saber: pesquisa, ensino e a tecnologia, onde todos teriam tudo em comum menos o gosto diferenciado pelas fases do conhecimento científico (TEIXEIRA, 2006).

Todas as escolas do primário ao secundário passaram a ser dominantes escolas de ciências, ensinando as aplicações generalizadas e suas teorias especializadas. Os métodos da escola medieval de exposição e pura memorização, já não eram mais utilizados, mesma que fossem para os antigos “escolásticos”, ou indivíduo de cultura intelectual ou estética, ainda assim teria que fazer ativa a prática de experiência e de trabalho. Para o autor, a atividade escolar é definida por aulas que os alunos e alunas ouvem algumas vezes tomando notas, e exames que se verifica o que ele/a aprendeu, por meio de prova escrita ou oral. Trabalhos para casa são marcados e supõe-se que o aluno/a estuda o conteúdo dado em aula para fixar na memória o que foi passado nas aulas (TEIXEIRA, 2006).

Nas aulas de educação físicas atuais, não é bem assim que ocorre. Por ser uma aula onde o aluno expõe sua cultura corporal as aulas são muito mais dinâmicas. As provas são práticas e os trabalhos são diferentes, fazendo com que o aluno/a possa elaborar alguma atividade em grupo ou de maneira individual. É assim na maioria das vezes.

Ao longo dos tempos a escola vem sofrendo transformações e a EDF vem contribuindo para que a formação dos discentes seja crítica e construtiva buscando um saber que vá ao encontro das expectativas dos alunos, e a um modo de trabalho útil e digno.

A maneira de realizar a avaliação na EDF é diferente, fazendo com que o professor/a venha a elaborar várias formas de aplicar e elaborar provas e trabalhos.

No que diz respeito à abordagem da EDF nas escolas, Suraya Darido é uma das autoras que discute a trajetória de implantação da mesma por uma perspectiva histórica. Para a autora tudo começou quando Rui Barboza fez à reforma no final do século XIX, e nesta ocasião a ginástica foi recomendada para homens e mulheres nas Escolas Normais, porém a lei só foi concebida na cidade do Rio de Janeiro que era a capital da República e em algumas escolas militares (DARIDO; NETO, 2005).

Em 1920 os outros estados iniciam suas reformas educacionais e a ginástica é implantada e a Educação Física é praticada em forma de ginástica (BETTI, 1991). No caso da EDF, esta disciplina demorou a ser implementada, pois, sofria muito preconceito e demorou a ser executada.

O desenvolvimento histórico da disciplina caminha para as quatro primeiras concepções surgidas que são: higienismo, militarismo, esportivista e recreacionista.

A primeira concepção chamada de higienista foi adotada com este nome pelo fato de se ter uma preocupação com a higiene e saúde, através do exercício promovendo o desenvolvimento físico e moral (DARIDO; NETO, 2005).

Na concepção militarista eram escolhidos os melhores, excluindo os incapacitados, pois era necessário formar cidadãos capazes de lutar para atuarem na guerra. Apenas os mais fortes e “perfeitos” eram selecionados, neste momento a mídia resolveu se expandir e passou a usar as escolas públicas e particulares como forma de propaganda, através do esporte (DARIDO; NETO, 2005).

Nas duas concepções, militarista e higienista, a EF era considerada uma disciplina totalmente prática, sem usar nenhum tipo de teoria. E também não era

necessário conhecer a fundo todo o conteúdo, apenas ser um ex-atleta já satisfazia aos interesses podendo atuar profissionalmente (DARIDO; NETO, 2005).

Algum tempo depois o discurso muda e a EF passa a ser um meio de educação, fazendo com que a educação pelo movimento seja a única maneira de perpetuar a educação integral. Uma proposta de escola-nova vai motivando aos poucos e a EF muda sua postura junto com a do professor, porém na década de sessenta, com a ditadura militar, esta nova concepção passa a ser reprimida (DARIDO; NETO, 2005).

Podemos observar que desde o início da EDF que podemos ver como já havia uma exclusão por parte dos militares. Isso se reflete nos dias de hoje quando muito discentes não são escolhidos para fazer parte do time ou da brincadeira, nas aulas ou no recreio. Será que (ainda existe) tem alguma ligação? Não podemos afirmar, porém é nítido como a exclusão vem fazendo parte da EFE desde muito tempo.

A concepção Esportivista e/ou Mecanicista/Tecnicista, visava o aprimoramento e a repetição dos movimentos, onde o professor tinha um papel dominador e autoritário buscando sempre o alto rendimento dos atletas. Neste momento a seleção brasileira conquista duas Copas do Mundo de Futebol – 1958 e 1962 – fazendo com que a associação da EDF abraçasse o Esporte em especial o futebol. Com a vitória em 1970 a seleção masculina de futebol contribuiu para manter o predomínio do esporte nas aulas de EDF, onde prevalecia promover as necessidades básicas dos cidadãos assim como seus momentos de lazer e entretenimento (DARIDO; NETO, 2005).

A década entre 1969 e 1979 foi onde o Brasil esteve no auge do esporte, incluindo o binômio EF/Esporte, sendo usado como estratégia de governo.

A última concepção, recreacionista, provoca o que parece ser uma onda de descaso com os alunos e com a profissão. A concepção recreacionista vai ao encontro do chamado “rola boa”, onde o docente não tem voz de comando, apenas está ali para marcar o tempo e apitar o jogo. Os discentes que decidem o que fazer nas aulas e como serão as aulas, sem a opinião do docente. Muitos estudiosos,

professores e acadêmicos até hoje são contra a esta prática e o foram, também, quando está pratica se iniciou. Muitos acreditam que seja fruto de interpretações inadequadas e das interpretações erradas de condições de formação e trabalho dos docentes (DARIDO; NETO, 2005).

Onde fica o conhecimento do aluno quando um docente diz: “vou rolar a bola”? Não pode haver aprendizado. O papel do professor fica sem sentido, pois ele não atua de maneira a ensinar o discente apenas intervém como um colega de classe.

Segundo Darido e Neto (2005), dois fatores contribuíram para que esta concepção fosse gerada: o descuido do discurso acadêmico que passou anos discutindo o que não era para ser abordado nas aulas de EDF, e, perante esta discussão não apresentou nenhuma proposta viável. O outro foi a falta de políticas públicas para facilitar o trabalho dos docentes, tais como: condições de trabalho, espaço escolar, material adequado, salário digno e apoio as ações de formação continuada.

Tirando as ações de formação continuada, que cresceu muito nos dias atuais, as demais características continuam até hoje atrapalhando o trabalho do docente em atuar nas escolas, pois muitos não têm um salário bom, não tem espaço para que as aulas sejam praticadas com segurança e o espaço é precário. Infelizmente são poucas as escolas que possuem uma estrutura física boa para as aulas de EDF. As escolas públicas, de um modo geral, não apresentam boas condições, e, as instituições particulares estendem a apresentar melhores espaços, sem que esse fato seja uma unanimidade.

Mas estas concepções foram mudando e a partir da década de oitenta, ocorre um processo que provoca transformações, tanto nas pesquisas acadêmicas, quanto nas práticas pedagógicas e curriculares. Tais ações contribuíram para a seguinte mudança: debates entre professores e acadêmicos com intuito de promover e criar instituições voltadas para o ensino da EDF com propostas diferentes, liberdade da comunidade acadêmica de pesquisar em outras áreas como o conhecimento científico e filosófico e mobilização da população para atuar junto ao Poder

Executivo em forma de eleições diretas para a presidência da república (DARIDO; NETO, 2005).

Passou-se então a serem utilizadas novas abordagens, as quais Darido organizou da seguinte maneira: psicomotricidade, desenvolvimentista, construtivista-interacionista, crítico-superadora, crítico-emancipatória, saúde renovada e juntamente com estas abordagens os PCNs.

Dentre os representantes da abordagem psicomotricidade, citamos Le Bouch (1986) que afirma: “(...) a psicomotricidade defende uma ação educativa que deva ocorrer a partir dos movimentos espontâneos da criança e das atitudes corporais, fazendo com que a gênese da imagem e do corpo seja o núcleo central da personalidade”.

Esta proposta foi divulgada inicialmente em escolas especiais para portadores de necessidades especiais físicos e mentais. A psicomotricidade surge a partir da década de setenta num movimento mais articulado. A preocupação da EF com esta abordagem é o desenvolvimento da criança com o ato de aprender a partir de estímulos cognitivos, afetivos e psicomotores, garantindo a formação integral do discente. Esta abordagem fez com que o professor/a passasse a se incluir e valorizar o conhecimento da psicologia (DARIDO; NETO, 2005).

A abordagem desenvolvimentista tem como uns dos seus principais autores Taniet *al* (1998) que apontam: “É uma tentativa de caracterizar a formação normal do crescimento físico, do desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo e afetivo-social na aprendizagem motora”(p. 24)

Esta abordagem foi inicialmente desenvolvida para crianças de quatro a quatorze anos buscando uma fundamentação para a EFE. Nesta abordagem uma aula de EDF deve privilegiar o movimento com ênfase no desenvolvimento motor da criança e do adolescente.

A abordagem construtivista-interacionista se opõe a segmentos que visem propostas mecanicistas e de alto rendimento, que excluem os menos habilidosos. Vygotsky e Jean Piaget são autores importantes que devem ser entendidos para a

difusão da prática da abordagem construtivista-interacionista, que visa à integração com uma proposta pedagógica ampla e integrada a EDF (DARIDO; NETO, 2005).

Amparada no discurso social e baseada no marxismo e neo-marxismo a abordagem Crítico-Superadora tem grande influência de autores brasileiros como José Carlos Libâneo e Demerval Saviani e abordam questões de poder, interesse, esforço e contestação e possui características específicas como sendo: diagnóstica (pretende ler e interpretar os dados da realidade), judicativa (julga os elementos de uma determinada classe) e teleológica (busca uma reflexão, uma direção dependendo da perspectiva de classe que reflete). É compreendida como sendo o projeto político pedagógico. Trabalha a cultura corporal do movimento e a seleção de conteúdos para a EDF (DARIDO; NETO, 2005).

Valorizando a compreensão crítica do mundo, a abordagem Crítica-Emancipatória (Kunz, 1994), visa tornar o aluno crítico a partir de suas concepções de ensino e aprendizagem. Possui uma tendência crítico, fazendo com que o raciocínio se torne autônomo e crítico. Uma de suas características marcantes é o confronto do docente com o aluno e o aluno confronta com o ensino. Esta abordagem deve ser utilizada por uma sequência de estratégias denominadas como “transcendência de limites” com as etapas: encenação, problematização, ampliação e reconstrução coletiva dos conhecimentos (DARIDO; NETO, 2005).

Partindo do princípio da não exclusão a abordagem Saúde renovada, é diferente da concepção higienista. Visa relacionar a aptidão física à saúde promovendo a prática de exercícios físicos. Possui um caráter renovado e o objetivo de promover uma autonomia no gerenciamento da aptidão física. A cultura corporal do movimento também é outro objetivo importante nesta abordagem fazendo com que o discente possua liberdade autônoma para propiciar suas atividades regulares (DARIDO; NETO, 2005).

Os Parâmetros, Curriculares Nacionais (PCNs), foram destinados para os últimos ciclos do Ensino Fundamental. Segue a LDB (Lei de Diretrizes Bases), lei n. 9394/96 (BRASIL, 1996).

Define a EDF no parágrafo terceiro como componente curricular da Educação Básica, buscando estar integrada a proposta pedagógica da escola ajustando a população escolar e as faixas-etárias (DARIDO; NETO, 2005).

Atrelados aos PCNs estão os Temas Transversais, que devem ser engajado as matérias e não apenas substituí-las. Em relação ao Ensino Médio, a uma ligação entre a escolarização e o mercado de trabalho fazendo com que a EDF esteja em uma área denominada Linguagens, Códigos e suas tecnologias Darido *et al* (2001).

O exercício da cidadania expressa nos PCNs consiste em uma abordagem cidadã, que seria uma construção crítica da cidadania buscando questões sociais nos temas transversais que são: ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural, gênero e orientação sexual, trabalho e consumo. Visando de maneira critica atuar nestes tópicos contribuindo para a formação de um discente crítico e autônomo (DARIDO; NETO, 2005).

A escola como uma instituição que promove educação, deve sempre estar apta a receber os alunos/as de maneira acolhedora, tornando-os a pensar e agir de maneira independente, dando autonomia para que na fase adulta eles/as possam se tornar cidadãos de bem perante a sociedade.

2. 6 A BUSCA DA PAZ NAS ESCOLAS: olhando para o papel das instituições.

Este tópico é abordado a importância do professor de EF e como ele pode ser um mediador na luta contra a intolerância e o respeito, fazendo das aulas de EFe um momento de reflexão para que os alunos pensem antes de agir de maneira violenta e discriminatória. A importância da direção da escola em tomar alguma atitude mediante os casos de violência e o tripé que existe entre a escola, o aluno e os pais que juntos podem fazer com que esta prática seja minimizada de maneira objetiva.

A EFe é uma das opções para se chegar a tolerância e respeito entre os alunos/as nas escolas. Por ser uma aula onde todos podem interagir e onde os discentes manifestam sua cultura corporal de movimento de maneira mais expansiva, através das aulas o docente pode criar situações para mostrar como

respeitar as diferenças e ser tolerante. A atuação do professor é fundamental nesta busca pelo respeito e aceitação aos que não possuem um padrão cultural tido como “melhor”.

A direção das escolas não deve se omitir em casos de violências, e sim estar atenta buscando sempre fazer projetos e buscar soluções junto aos professores de como minimizar as ações de violência nas escolas. Não fazer nada só vai aumentar o problema, que pode virar uma bola de neve, caso nada seja feito.

A prática de *bullying*, também considerada um tipo de violência, deve ser combatida através do tripé (escola/aluno/pais) como diz Ribeiro (2007):

A responsabilidade da escola em garantir a segurança de todos os estudantes da escola, a responsabilidade dos estudantes em não provocar *bullying*, e a responsabilidade dos pais em reportar qualquer suspeita de que seus filhos são autores ou alvo de *bullying* (p. 4).

É importante que haja este tripé (escola, estudantes e pais) para que as práticas de violência sejam minimizadas e assim podermos contribuir para uma cultura de paz nas escolas. A função do docente é educar e respeitar as diferenças e ensinar seus alunos a ser tolerante com as diferenças e assim fazendo ver aos discentes que todos/as devem ser respeitados.

O docente deve passar valores aos alunos/as fazendo com que os discentes tenham autonomia em suas ações. O professor não é o que irá salvar o aluno/a, mas ele pode orientar a buscar um caminho diferente e que busque algo renovador e que seja do bem para suas vidas.

Para se alcançar um processo de proteção eficiente Rutter (1987) propõe quatro funções: reduzir o impacto das situações difíceis e de risco, reduzir as reações negativas em cadeia, posteriores às situações difíceis, cultivar e manter a auto-estima através de relacionamentos seguros, afetuosos e confiáveis e criar oportunidades para reverter os efeitos das situações difíceis e adversas. Agindo assim o docente poderá contribuir para um modo de ensino motivador e crítico.

O professor de EF, na grande maioria é o mais adorado pelos alunos/as. É o mais amigo e companheiro, por isso pode e deve ajudar a criar uma consciência crítica nos alunos para que posteriormente possam saber fazer suas escolhas sozinhas.

O docente antes de mais nada deve querer ser um agente transformador e atuante nesta trajetória de transformação do aluno/a. Segundo Rúdio (1983):

(...) quando entra na sala de aula, o professor pode estar apenas interessado em ensinar, transmitir conhecimentos e informações, esclarecer sobre assuntos de sua matéria. Mas existe outro ensinamento que ele comunica quer queira ou não: a lição de si mesmo como pessoa humana. Isso significa que, quando vai dar aula, mais do que a notícia de sua matéria, ele está inevitavelmente se anunciando a seus alunos, quer deseje ou não, pelo seu modo de falar, de agir, embutido na entonação de voz, na maneira de gesticular, no modo como trata seus alunos, na forma de encarar suas obrigações profissionais, nos comentários que faz sobre o mundo, as pessoas, nas opiniões sobre valores como felicidade, amor, religião, etc. E é justamente aí que, de maneira profunda, se torna educador (p. 52).

A escola é o espelho do que o professor é na aula, pois ele é que vai ditar e dizer como agir. Ele/a tem o poder de atuar com a turma e agir em nome da escola. A função do docente é importante e sempre vai ser. A ação da escola é pautada na manifestação pedagógica do docente fazendo com que a escola cumpra o seu dever de agir em prol da educação (Koehler, 2005).

Em relação à posição das escolas podemos afirmar que existem dois tipos: as que aceitam os conflitos existentes e as que não aceitam (CHRISPINO, 2007). As que aceitam são aquelas que assumem as situações de violência e buscam no diálogo a solução para os problemas, identificando a diferença de cada autor inserido no contexto. Por outro lado, as que não assumem, logo terão que lidar com diversos casos de violência, agressão e bullying (CHRISPINO, 2007). Uma solução proposta pelo autor é usar o sistema de mediação que: "(...) induz atitudes de tolerância, responsabilidade e iniciativa individual que podem contribuir para uma nova ordem social (p. 23)".

2. 7 O ESPORTE NA ESCOLA E A EXACERBAÇÃO DA COMPETIÇÃO: olhando para nossa ferramenta.

Segundo Unbehaum (2010), as atividades físicas e esportivas são utilizadas para a integração entre as pessoas, sendo promovida nas escolas, clubes e Organizações não governamentais - (Ongs).

Através do esporte e da atividade física pode-se chegar à inclusão social por meio da introdução de valores críticos que levem à cidadania. Pensando neste sentido, podemos afirmar que as aulas de EDF contribuem para aprimoramento e aperfeiçoamento do cidadão como um se crítico e sabedor de seus deveres e direitos, aprendendo também a ganhar e a perder. Sendo assim, o discente através destes valores aprende a ser competitivo ou não de acordo com suas vivências culturais e familiares.

Se colocarmos um discente que nunca ganhou uma disputa para competir, é bem provável que ele/a nunca venha a gostar de praticar algum esporte ou atividade física competitiva. Porém, se fizermos o contrário estaremos permitindo que um aluno/a seja impedido de se tornar um atleta.

A competição deve ser estimulada, porém de maneira cautelosa e apropriada para cada tipo de situação. Não deve ser utilizada para criar conflito entre os/as alunos/as, mas também não podemos descaracterizar a sua importância para o alto rendimento. Em algumas vezes o discente tem o primeiro contato com algum esporte na escola na aula de EFE e se este primeiro contato for negativo, poderá levar isso para resto de sua vida. Segundo Ferreira (2000): “Não é raro conhecermos pessoas que atribuem o desgosto e o afastamento da prática regular de atividade física a experiências negativas na escola, muitas delas relacionadas a competição” (p.97).

O esporte na escola, em sua maioria é ensinado e praticado com as mesmas regras do esporte oficial, com poucas modificações e adaptações, sendo a estrutura principal a mesma utilizada em evento esportivo ou Jogo Olímpico. Talvez, este seja uns dos motivos que faz do esporte hoje ter uma grande importância competitiva,

pois, são tratados como se todos/as que jogam fossem condicionadas a exercer um determinado esporte e nem sempre é assim.

Apenas alguns alunos/as apresentam um desempenho melhor em um determinado esporte e isso faz com que os que não se adaptaram fiquem a margem, ou seja, apenas os vitoriosos são contemplados, os que participaram não.

Este tipo de conflito pode levar a prática da violência na escola, por meio do esporte.

Segundo Calhoun (1997), o fenômeno da violência no esporte pode ser caracterizado em quatro dimensões: diminuição da violência pelo desporto, aumento da violência pelo desporto, a violência da sociedade reflete-se no desporto e a violência no desporto simboliza a violência na sociedade.

A primeira dimensão aborda a questão de o desporto contribuir para a diminuição da violência. Apoiado em outros autores, Calhoun menciona a tradicional visão de que desporto pode ser utilizado para descarregar a agressividade. Em outras palavras uma visão catártica do desporto.

Na perspectiva do desporto contribuindo para a violência, Calhoun, menciona os estudos de Goldstein e Arms (1971). Segundo esses estudos, que foram realizados com torcedores, comprovaram que ao saírem de uma partida de futebol, ou de um encontro de ginástica, deixavam o estádio e o clube de ginástica, com o nível de hostilidade elevado. Essa constatação foi efetuada mesmo quando os torcedores eram questionados se torciam contra ou a favor. Em outras palavras, provavelmente, o estar em um ambiente altamente competitivo elevava o nível de hostilidade.

Segundo Santos (1996) na sociedade onde encontramos comportamentos agressivos também podemos visualizar desportos de combate e na sociedade menos guerreira, os desportos são raros, fazendo crer que o desporto caminha lado a lado com a sociedade.

Em relação ao simbolismo, é como se tudo fosse realmente caracterizado como símbolo. Muitos cidadãos que usam galo de briga, o usam como forma de manifestarem de sua agressividade, segundo o estudo de Geertz (1989). Quem está lutando são os danos dos galos e não os galos. Pela euforia e a relação com seus animais que é muito cuidadosa, podemos pensar no que estes galos representam para a vida dessas pessoas, e o fato dos galos estarem brigando é apenas um detalhe.

Para Coakley (1986) o fenômeno da violência pode ser analisado sob dois aspectos: o desporto como cura, e, o desporto como causa do comportamento violento.

Segundo o autor, em relação a o desporto como causa da violência, de maneira intrínseca o esporte gera violência e ainda diz que a violência é natural no ambiente esportivo quando esta relacionada a cinco tipos de ameaças: ameaças ao valor social, ameaças ao status adulto, ameaças ao bem estar físico, ameaças a masculinidade e ameaças a sensação de integração. Podendo acontecer mais estes tipos de ameaças vindas de grupos organizados do que individuais e para agir desta maneira as pessoas usam a violência com três objetivos: proteção, criar status entre os companheiros e manter a auto-estima.

De um modo geral conceitos e definições servem para orientar as argumentações teóricas sobre o tema estudado, assim como possibilidades de intervenção. Em relação à competição na EDF, recorrendo a Sparkes (1987) podemos defini-la como: “um encontro social entre dois ou mais indivíduos no qual existe um embate consciente por um objetivo comum que tende a estabelecer a supremacia de um dos lados” (p. 146).

Não podemos priorizar a vitória como a única melhor e nem menosprezar a derrota como se fosse algo de perdedor. O discente tem que aprender a ganhar e perder.

Se valorizarmos a vitória sempre, os discentes que têm pouca habilidade motora não vão querer participar das aulas. Sem falar que a vitória nem sempre quer

dizer uma plena satisfação do aluno/a, para alguns a participação o contato com o outro é mais importante do que a própria vitória em si.

O professor/a deve levar em conta as características sociais e culturais dos alunos/as nas aulas de EDF, fazendo com que todos participem e não apenas os mais condicionados para tal esporte. Devem-se aplicar os fundamentos de cada esporte, porém ensinar apenas isso é que não deve ser levado em conta, como se fosse o esporte fosse o elo para sempre se alcançar a vitória (FERREIRA, 2000).

O que deve ser banido não é a competição e sim a exacerbação do esporte na escola, que leva ao individualismo e o conflito. Quando o objetivo não for formar atletas, a ênfase na vitória não deve ser exaltada e sim a participação. Caso contrário devemos priorizar a excelência buscando o mérito pessoal, fazendo com que o aluno se torne um atleta. Porém, este mérito não deve diminuir os outros colegas de classe, pois, o que pra um pode ter sido apenas mais uma marca ou desempenho, para outro pode ter sido uma marca recorde em relação a anterior ou um bom desempenho, que melhorou em relação à turma.

Sabemos que os discentes fazem comparações uns com os outros em relação a seus desempenhos, não há nada de mal nisso se a diferença entre eles não for algo que vá atingir uns aos outros de maneira pejorativa. Ou se, o aluno/a ver no outro uma motivação para tentar conseguir fazer melhor da próxima vez e/ou entender que em um esporte um aluno pode ser bom e em outro este mesmo aluno não é tão bom assim fazendo ver que á diferenças entre os alunos/as.

O esporte pode ser visto como uma ferramenta da cooperação e da inclusão, onde não há vencedor nem perdedor e sim participantes que atuam entre si pelo simples fato de participar, e ou, perder ou ganhar fica para segundo plano. Como acontece nos festivais, que são competições que têm o caráter de festa ou encontro, substituindo a ideia de competição para cooperação e integração (FERREIRA, 2000).

A ideia de competição deve ser usada de forma consciente para não ser caracterizada como perpetuadora do conflito e sim como uma alavanca para participar das atividades visando à inclusão e a participação de todos/as.

A violência no esporte é algo que pode ser combatido e evitado, quando se é proposto algo para que seja minimizado. O que acontece no jogo, muitas das vezes é reflexo do que acontece nas aulas de EDF que por sua vez é reflexo do que acontece na escola.

O esporte deve sim agir como um campo de inclusão, mas de forma crítica e reflexiva levando os discentes a pensarem a não praticar a violência. O esporte, assim como a ideia de competição deve ser usada como um método de vida em conjunto onde os indivíduos aprendem a ganhar e a perder de maneira justa e honesta, fazendo deste futuro adulto pessoas bem resolvidas em suas vidas.

3. MÉTODOS DA PESQUISA

Esta pesquisa teve caráter qualitativo (POSSELON, 2004) e foi realizada em duas escolas do Estado do Rio de Janeiro da Fundação de Apoio a Escola Técnica (FAETEC).

O grupo de sujeitos entrevistados foi composto pelos diretores das escolas, quatro alunos/as do terceiro ano do ensino médio, quatro professores/as de Educação Física que ministram aulas para o terceiro ano do ensino médio. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com perguntas abertas, buscando obter informações de questões concretas, dando liberdade ao entrevistado para abordar aspectos sobre o que pensam e acham ser relevantes sobre o tema (NETTO, TRIVIÑOS, 2004).

Foi utilizada também observação estruturada e/ou sistemática, que consiste em uma série de decisões prévias com elementos e situações a serem observados em forma de fichar ou roteiros prefixados. Este tipo de organização dos dados permite que todos os indivíduos sejam submetidos ao processo de observação e que haja uma comparação entre os dados coletados (MOURA; FERREIRA, 2005).

Para análise e tratamento dos dados, foram feitos diários de campo de forma ampla e objetiva através da participação plena. As entrevistas serão gravadas e transcritas, a fim de se compreender as falas dos atores sociais como ponto de

partida para respondermos ao problema de estudo, juntamente com a análise dos diários de campo. Após, foi realizada uma análise do conteúdo dos atores envolvidos (BARDIN, 1995).

Os elementos da etnometodologia foram utilizados como forma de análise e tratamento dos dados, a fim de identificar os etnométodos utilizados pelos respondentes identificando as metáforas utilizadas para a prática da violência.

Segundo Coulon, através de Garfinkel, a etnometodologia possui conceitos e um vocabulário próprio, porém, vão de encontro a termos usado na linguística como a indicialidade e da fenomenologia como a reflexividade.

Os conceitos chaves da etnometodologia são cinco: prática e realização; indicialidade; reflexividade; relatabilidade e noção de membro, porém, apenas dois serão usados para a elaboração deste trabalho (COULON, 1995). Para esta pesquisa serão usados dois conceitos chaves da etnometodologia. São eles indicialidade e reflexividade.

A indicialidade parte do princípio que as expressões ditas pelos atores sociais a serem pesquisados ganham significados a partir do conhecimento do contexto local onde elas são produzidas, fazendo com que se tenha uma incompletude. Sendo assim, as palavras precisam estar situadas num contexto específico para que sejam revestidas de significado, e assim se adequarem a um determinado contexto (COULON, 1995). Oriundo da Linguística, o termo indicialidade significa que a palavra pode receber vários sentidos distintos, em função da situação em que é usada.

Segundo Coulon, “isso designa (...) a incompletude natural das palavras, que só ganham o seu sentido ‘completo’ no seu contexto de produção, quando são ‘indexadas’ a uma situação de intercâmbio lingüístico” (p. 33). Logo, a significação da palavra depende do contexto em que ela é dita, da história e das intenções do locutor, além da relação e da história das conversações que ele mantém com o ouvinte.

No momento da coleta de dados o pesquisador não pode substituir tais expressões, e sim mergulhar neste mundo das palavras onde os envolvidos estão inseridos, para assim poder entender o processo de construção destas palavras.

A reflexividade não significa reflexão. Os atores sociais não prestam atenção que ao falarem eles descrevem, e ao mesmo tempo constroem a realidade, sendo assim eles conseguem refletir o mundo que os cerca, mas a capacidade de reflexão não é inerente (COULON, 1995). De acordo com Coulon, dizer que uma pessoa possui uma prática reflexiva é reconhecer que elas refletem o que dizem de maneira inconsciente. Para Garfinkel, a reflexividade é condição essencial para compreensão da ordem social. Ela “designa (...) as práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem o quadro social. É a propriedade das atividades que pressupõem ao mesmo tempo em que tornam observável a mesma coisa (...). a reflexividade designa a equivalência entre descrever e produzir uma interação, entre a compreensão e a expressão dessa compreensão” (p. 41-42).

O estudo foi realizado com seres humanos, maiores de idade. Foi feito um termo de consentimento e autorização onde, ao/as alunos/as assinaram levando em conta os aspectos como: privacidade ou não participação, anonimato, confidencialidade e responsabilidade do pesquisador - do que se trata o estudo e que ele/a irá colaborar com a pesquisa, sendo através de entrevista e observação. Passou também pelos mesmos critérios a Instituição onde será feita a pesquisa. O conselho de ética da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) avaliou o estudo, que foi validado o trabalho, segue em anexo a carta de aprovação.

A pesquisa foi feita em duas escolas estaduais situadas no município do Rio de Janeiro. Ambas fazem parte da rede do grupo Fundação de Apoio a Escola Técnica (FAETEC). As escolas que fazem parte da FAETEC possuem cursos técnicos nas áreas da indústria, saúde, produção de TV e etc. Anualmente formam alunos que entram no mercado de trabalho, aptos para enfrentar o primeiro emprego. As duas escolas a serem pesquisada serão: Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá (ETEVM) e Escola Técnica Estadual República (ETER) < Disponível em: www.faetec.rj.gov.br>. Acesso em: <Disponível em 15 de março de 2012>.

A Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá (ETEVM), é situada no bairro de Marechal Hermes na zona oeste do Rio de Janeiro. Faz parte da FAETEC, e disponibiliza os cursos de mecânica, eletrônica, eletrotécnica e eletromecânica que são divididos em dois prédios o TEC, onde ficam os cursos de eletrotécnica e eletrônica; e o MEC, onde ficam os cursos de mecânica e eletromecânica.

A ETEVM começou a funcionar em regime de externato, com mais de cem alunos e com o corpo docente composto de dois professores, dois adjuntos, mestres e contramestres, ministrando o ensino de nível primário e tendo a montagem de oficinas (carpintarias, marcenarias, entalhação, ferreiro, ajustador e torneiro mecânico) sido organizadas pelos funcionários e alunos da escola. Em 1947, passou a ter também o ensino médio. No ano de 1965 a escola abriu suas portas para as meninas, onde até então o curso era apenas para meninos. No ano de 1998 a escola passou a fazer parte da FAETEC < Disponível em: etevm.g12br/portal/>. Acesso em: <Disponível em 15 de março de 2012>.

A Escola Técnica Estadual República (ETER) era originalmente uma das unidades da Fundação Nacional do Bem Estar do Menor (FUNABEM), sendo posteriormente transformada na Escola Técnica Estadual XV de Novembro. Com o surgimento da FAETEC, a escola recebeu o nome de Escola Técnica Estadual República e o complexo em torno dela o nome de CEI (Centro de Educação Integral). Logo após o nome CEI foi abolido e passou a ser somente mais uma escola a fazer parte da FAETEC. O terreno é composto por uma vasta área que é dividida em vários prédios, onde são oferecidos vários tipos de cursos a todo tipo de público de crianças a adultos < Disponível em: www.eterpublica.com>. Acesso em: <Disponível em 15 de março de 2012>

A sede oficial da rede FAETEC é localizada na ETER, onde também são oferecidos cursos técnicos (informática, enfermagem, telecomunicações, eletrônica, mecânica e moda), profissionalizantes e pós-médio.

4 RESULTADOS

4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS: o universo da pesquisa de campo.

Gostaríamos de destacar que a análise do conteúdo das entrevistas do grupo de informantes, juntamente com a análise da observação sistemática, será realizada tomando-se como referência as categorias elaboradas por Santos (1996). Entretanto, para descrever essas categorias e elaborar nossas reflexões as apresentaremos a partir dos informantes. Em outras palavras, a origem – quem falou e como identificou - determinou uma subcategoria para nortear nossas reflexões.

4.2 ANÁLISE DA OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA

Foram observadas seis turmas, duas de cada turno (manhã, tarde e noite). Cada turma tinha dois tempos de aula de 50 minutos durante o dia, e à noite 40 minutos cada tempo.

Nas observações realizadas destacamos quatro tipos de violência que mais apareceram nas aulas. Foram escolhidas por serem o tipo de violência mais frequentes nas escolas. São elas: agressão física, agressão verbal, agressão psicológica, bullying.

TURMAS	01 M F	02 M F	03 T V	04 T V	05 N F	06 N F
A. Verbal	xxxxxxxx	xxxxx	xxxxxxxxxxx	Xxxxxxx	xxx	Xx
A. Física	xxxx	Xxx	x	-----	-----	-----
A. Psicológica	xxx	Xxx	-----	Xx	-----	-----
Bullying	xx	X	-----	X	-----	-----

Legenda: A: agressão; M: manhã; T: tarde; N: noite; X: número de vezes que o discente praticou a ação; -----: ausência. F: futebol; V: vôlei.

A agressão verbal é caracterizada por xingamentos e intimidações que buscam ferir o aluno/a de maneira a desestabilizá-lo/a com palavras. Este tipo de agressão é um dos mais comuns e por vezes passa despercebido pelo docente nas aulas. Foi observado que este foi o tipo de violência muito praticada entre os alunos/as durante as aulas. O uso da fala para denegrir e ferir uns aos outros pareceu ser bem comum, principalmente nas aulas do turno da manhã e da tarde, onde os/as alunos/as são mais novos em relação ao turno da noite.

Já a agressão física, onde existe o contato físico de maneira bruta levando às vias de fato, foi menor. Porém, ainda assim foi presente nas aulas de educação física nos turnos da manhã e da tarde. Principalmente entre os alunos que tinham pouca habilidade motora. Mas, também foi observado que quando os alunos tinham certa intimidade, no sentido de serem amigos. Neste caso, acontecia que quando o colega cometesse alguma falha, era castigado com um soco ou um tapa, e o que foi vítima da agressão acabava por não se sentir ameaçado por ter sido agredido por um colega mais próximo.

A agressão psicológica geralmente acontecia junto com a física e a verbal. Intimidações eram feitas quando um aluno/a errava e por este motivo acabava dificultando o andamento do jogo ou quando atrapalhava uma jogada. Nos jogos de mais contato como futebol este tipo de violência era mais presente, já no vôlei foi algo menos comum.

Casos de bullying também ocorreram no turno da manhã com mais frequência e com uma anotação à tarde a noite nenhuma. Nesses casos observados o que ocorreu foram perseguições realizadas por três alunos. Dois no futebol e um no vôlei. Nos três casos os alunos que praticavam a agressão se uniam em grupo (dois ou três alunos) e faziam mais de uma vez xingamentos e ameaças levando a entender que aquilo acontecia de maneira corriqueira caracterizando bullying, já que a vítima se mostrava fragilizada e sem motivação alguma para fazer algo que revertesse àquela situação.

A Agressão verbal acontece de maneira corriqueira dentro das escolas, infelizmente. É o tipo de agressão que mais aparece na observação. Fazendo o uso da palavra os discentes se sentem no direito de agredir os colegas de maneira

pejorativa através de xingamento, palavrões, menosprezo e etc. Pode acontecer que o docente não repare neste tipo de agressão, deixando que aconteça e contribuindo para a reprodução deste tipo de violência. Em nossa opinião, cabe ao professor/a prestar muita atenção nestes casos para que a providência seja tomada de maneira imediata para que o incidente não tome maiores proporções e que não leve a agressão física.

Foi observado que o professor do turno da manhã na maioria das vezes não tomou nenhuma providencia quanto às agressões verbais ocorridas. Em sua grande maioria, apenas coibiu, algumas vezes, mas não foi o suficiente, pois os discentes continuaram a fazer provocações entre si.

Na turma do turno da manhã, quando a modalidade esportiva observada foi o futebol e a aula era mista, (com duas alunas), quando uma delas pegava na bola e fazia algum passe errado, seus colegas ou caíam ou as agrediam verbalmente com xingamentos do tipo: “lerda”, mandando as mesmas fazerem algo de maneira mais rápida e hábil. O professor não se manifestou, levando as alunas a se sentirem acuadas, porém continuaram a fazer a aula. Pareciam estar acostumadas com este tipo de atitude dos demais colegas. O mesmo ocorreu com os alunos que sofreram com as atitudes verbas agressivas.

Muitos pareciam estar acostumados e chegaram a encarar como uma brincadeira dos colegas e acredita-se que por este motivo nenhum deles fizeram se quer alguma reclamação ao docente.

Foi observado que os alunos em grande maioria praticam este tipo de agressão e o fazem, de forma irônica, como se fosse algo natural, xingar ou agredir verbalmente o colega. Dessa forma, provavelmente contribuem para que todos os alunos, que vivem no mesmo ambiente, apesar de estarem observando o fato, nada façam para ajudar ou para inibir a ação negativa do aluno que agia de maneira agressiva.

Segundo Sisto (2005), a convivência com a agressão faz com que as pessoas não se percebam como agressivas, levando a naturalização destas práticas por parte dos alunos/s. Certamente nas observações mencionadas acima é fato ocorre.

Este tipo de ação pode ser caracterizado por uma agressão encoberta, pois o aluno/a não vai perceber que age de maneira agressiva e por isso torna-se algo comum que pode ser banalizado até pelo professor, fazendo com que o mesmo não tome nenhum tipo de providência.

A agressão física apareceu bem menos nas observações, porém, veio seguida e/ou precedida de uma agressão verbal ou psicológica. No turno da manhã ocorreram muitos casos e no turno da tarde apenas um. Nenhuma ocorrência foi verificada no turno da noite. Todas essas descrições foram realizadas os esportes futebol e vôlei.

Nas observações realizadas não foi observado esse comportamento por parte das meninas. Entre os meninos, foi mais comum este tipo de atitude.

Nossa percepção é que motivados por alguma discordância ou incompreensão ou mesmo por já estarem acostumadas com aquele tipo de comportamento, as agressões físicas aconteciam de maneira muito natural, como se já fosse algo comum. Tapas no corpo, tapas na cabeça, empurrões, foram os mais comuns entre os alunos.

Este fato aconteceu também durante o jogo, mas por conta do contato que a prática do futebol por si só já possui, não foi contado durante o jogo apenas quando havia alguma pausa. Os alunos que praticavam a agressão eram os mais populares nas aulas, se mostravam ser os mais engajados e comandantes. Gostavam de impor os seus desejos para os demais colegas, quando eram contrariados agrediam de maneira física. Os alunos que sofriam a agressão eram os mais inibidos e foram quatro casos no turno da manhã e todos sofridos pelo mesmo aluno de uma turma. Na outra turma o mesmo fato se repetiu e três ocorrências aconteceram com o mesmo aluno.

No turno da tarde ocorreu apenas uma observação de violência, no final da aula de vôlei. O aluno saía da quadra para guardar a bola no cesto e de repente um colega de turma o empurrou, não o deixando colocar a bola no cesto. Foi um ato de pura violência e totalmente inesperado. Foi apenas com o intuito de maldade

mesmo, só para ter o prazer de empurrá-lo e colocar a bola no cesto primeiro do que o outro colega.

As outras manifestações foram em outra turma onde mais de um aluno agrediu um único. Este aluno que recebeu as agressões se mostrou muito tímido, embora jogasse bem futebol. Bastava um erro seu para que os colegas tratassem mal e quando a raiva ultrapassava um determinado limite o agrediam. Muito retraído e cabisbaixo, sua única motivação era quando fazia um gol. Todos iam cumprimentá-lo. Em nossa opinião uma relação ambivalente de proximidade e comportamentos violentos, que os colegas tinham com ele.

A impressão que fica para quem está observando é que este aluno permite muita coisa, parece esboçar um tipo de merecimento, pois este aluno não se preocupa nem um pouco em pedir ajuda, falar com alguém, ou fazer alguma reclamação com o professor. Sua atitude era apenas de pedir aos alunos agressores que parassem, porém, não tomou nenhuma providência, apenas falou. Os alunos acataram, mas continuaram com as gracinhas, sem chegar às vias de fato, mas ainda sim com agressões verbais.

As agressões psicológicas aconteceram mais no turno da manhã e apenas um caso no turno da tarde. Os alunos que praticaram este tipo de agressão foram os mesmos que praticaram agressões verbais e alguns que praticaram agressões físicas.

Gostaríamos de destacar aqui que todas as falas que tinham um cunho um pouco mais intimidador e com o intuito de manipular, constranger e magoar, fazendo um tipo de afronta com o colega foi caracterizado como sendo agressão psicológica. Era algo que mexia com o inconsciente e tinha o papel mesmo de ferir o/a aluno/a. Eram frases do tipo: 'passa a bola, seu viadinho, balofo' ou "você não joga nada Zé ruela. Tem que ficar fora do meu time" Às falas tinha o intuito de legitimar sempre algo de "errado" ou "desviante" nos alunos/as fazendo com que eles se sentissem abalados psicologicamente e com isso ficavam mais acuados.

Os que sofriam a agressão psicológica também pareciam que permitiam tais atitudes dos agressores, não se sabe se por costume ou por medo, mas eles não

tomavam nenhuma providência, deixando que os fatos se repetissem e permitindo ser agredidos.

Em nossa opinião a diferença da agressão verbal para a agressão psicológica é o requinte de maldade, pois visa apenas deixar o aluno magoado mexendo com as características que estes alunos tinham, e que sabiam que para os demais era algo que incomodava. Nestes casos o docente, também, apenas pediu que os alunos agressores parassem, mas não tomou uma atitude mais rígida. Apenas disse o professor: “Parem com isso, deixem-no em paz, não perturbem ele”.

No jogo de vôlei a mesma coisa, foi apenas um caso deste tipo de agressão, porém desta vez o aluno se incomodou e reagiu. Respondeu à altura da atitude do colega fazendo com que o mesmo se calasse.

Descrição do diálogo ocorrido;

Seu viadinho passa a bola direito, se não terei que te mostrar como um homem joga... Passa a bola direito [Info.C].

Se sou viadinho é porque aprendi com você, porque você também não sabe passar a bola direito [Info. D].

Este diálogo mostra que o aluno que sofreu a ação agressiva respondeu à altura do colega e não deixou que continuasse com as atitudes agressivas contra ele. O docente da turma neste momento não estava perto da quadra, tendo ido dar atenção para outro, que havia caído. Quando voltou não reparou nada, e os dois alunos não fizeram queixa para o professor. Ou seja, tudo passou completamente despercebido para professor.

Cada aluno que observava a discussão entre os dois alunos nada falava. Alguns apenas riam, outros cochichavam com outros, mas ninguém se meteu a ponto de interferir ou falar algo. Ficou a impressão que a discórdia já existia anteriormente. Os dois alunos quase não se olhavam. Parecia que eram inimigos ou que não tinham um comportamento de proximidade.

De todos os tipos de agressão ocorridos, este caso foi o único em que o aluno agredido tomou alguma atitude diante do que aconteceu. Todos os outros se curvaram e nada fizeram para minimizar ou rebater a agressão sofrida.

Por último temos os casos de bullying. É importante mencionar que para ser bullying, o fato deve ocorrer repetidas vezes, caso contrário não poderá ser caracterizado como tal. Foram três casos que ocorreram no turno da manhã, um à tarde, e nenhum à noite.

Este tipo de fenômeno foi observado de forma muito sutil e apenas uma vez o professor conseguiu identificar que era concretamente bullying, pois somente depois da quarta vez que a aluna sofria com as atitudes negativas dos demais colegas, o fato ficou caracterizado. Neste caso o docente parou a aula, e era um jogo de futebol e disse:

“Não quero ninguém fazendo bullying com o colega aqui! Vamos parar com esta perseguição. Ou não vai ter mais jogo!”. Falou olhando diretamente para os alunos que praticaram o bullying. Todos na mesma hora pararam e ficaram prestando atenção no docente. No decorrer da aula não foi mais visto esse tipo de atitude, e os alunos/as voltaram a jogar bola de maneira harmônica sem maiores problemas.

O que aconteceu no turno da tarde foi diferente. O aluno que sofreu o bullying se queixou para o professor sobre a perseguição, na terceira vez que um grupo de alunos os xingava e os empurravam. A justificativa dos alunos agressores para legitimar suas atitudes era que ele usava óculos e errava os saques. Ao falar com o professor o aluno apontou quem fazia os xingamentos e as agressões repetitivas. Como o professor não reparou o fato o que havia acontecido – tinha deixado a turma para conversar com outro professor – os alunos aproveitaram o ocorrido para negar. O professor então separou os alunos, colocou um para cada time e fez com que não jogassem entre si. Chamou a atenção do agredido e dos agressores e disse que não admitiria isso em suas aulas. Ao término da aula todos os alunos sentaram no chão e o professor falou um pouco sobre o que era o bullying e o que ele poderia causar de negativo para quem sofria.

Nesse ponto, gostaríamos de elaborar uma pequena reflexão que envolve os procedimentos de pesquisa. Não sabemos se o professor fez aquilo por realmente ter se conscientizado que havia acontecido e quis alertar os alunos, ou se fez por que nos viu fazendo anotações e observações, e, quis fazer algo. Pensamos que essa reflexão é importante porque anteriormente em outra turma, o professor não teve o mesmo comportamento. Podemos questionar até que ponto aquilo era mesmo real ou apenas comportamento de fachada, simplesmente motivado pela nossa presença.

Foram observados vários tipos de agressões e atitudes de bullying nas aulas de Educação Física. Sabemos que muitos alunos/as que sofrem com estas atitudes negativas, não procuram ajuda, não falam com o professor e isso só colabora para que continue e aumente casos de violência nas escolas. Alguns autores afirmam que a não procura dos alunos/as em busca de ajuda seria pelo medo e para evitar o estigma, de ter sofrido e de ter que sofrer mais ainda ao falar sobre os atos de violência sofridos (PERFEITO, 2011).

A grande diferença em relação aos turnos da noite em comparação com os diurnos é gritante. Os alunos do turno da manhã e tarde são mais novos e os da noite mais velhos, alguns pais e mães de família e isso contribui para que as agressões sejam realizadas em menor proporção. Porém, não podemos deixar de ressaltar que a atitude dos alunos agressores se fez presente em todos os turnos e em todas as turmas. Algumas mais e outras menos, mas se fez presente.

A maneira como os alunos/as encaram a violência sofrida é algo que está muito ligado à relação entre os alunos. Na observação, pode ser constatado que muitos usam da intimidade para naturalizar uma possível violência com o seu colega, fazendo com que o agredido, por vezes, possa achar que não deve pedir que o agressor pare com a agressão, ou que o impeça de pedir ajuda a alguém.

A amizade entre os alunos/as muitas vezes é pautada, legitimada e naturalizada com atitudes de agressões verbais e psicológicas levando algumas vezes à física, com um sentido e um ar de “brincadeira” que faz parecer que tudo é apenas algo permitido, mas nem sempre é (PERFEITO, 2011).

As falas e a maneira como as agressões são ditas estão muito ligadas ao tipo de cultura ao qual o/a aluno/a vive. Foram vários os tipos de termos e palavras com tom pejorativo que levaram a minimizar e denegrir a imagem do outro. Foram termos relacionados ao gênero, composição corporal, raça, altura, orientação sexual. Tudo que era considerado fora do “padrão” foi motivo para alimentar uma motivação de agredir o colega.

O docente, em muitas vezes foi omissos e até ausente, fazendo com que a prática da agressão pudesse acontecer de maneira mais livre, sem a autoridade do docente por perto. Sendo assim, podemos afirmar que a presença do docente é importante para a inibição de casos de agressões e violência nas aulas de Educação Física Escolar, e contribui para a proteção dos alunos/as nas aulas.

4.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO DA FALA DOS DIRETORES

CATEGORIAS	MARCAS DISCURSIVAS
A importância da providência da direção da escola em casos de violência	Encaminhar para Orientação Pedagógica ou Conselho Tutelar avisando à família. Se for o caso levar à polícia.
Ambiente legitimador da violência	Sala de aula e recreio.
A educação física como agente facilitador da violência	Violência velada pelo esporte.
A educação física como agente inibidor da violência	A prática esportiva tende a diminuir a violência. Ambiente livre facilita.
Fatores que influenciam a violência na escola	Família, local onde mora, TV e internet.

O quadro acima é a ilustração das categorias da análise de conteúdo da fala dos diretores. Foram divididas em cinco categorias, são elas: A importância da providência da direção da escola em casos de violência; Ambiente legitimador da violência; A Educação física como agente facilitador da violência; A Educação física

como agente inibidor da violência; Fatores que influencia a violência na escola. Cada categoria ilustra o que cada diretor disse e tentando desvelar suas visões em relação à violência nas escolas e nas aulas de Educação Física.

4.3.1 A IMPORTÂNCIA DA PROVIDÊNCIA DA DIREÇÃO DA ESCOLA EM CASOS DE VIOLÊNCIA.

Toda vez que acontece algum caso de violência na escola a direção tem medidas cabíveis que devem ser tomadas juntamente com outros órgãos que funcionam dentro e fora escola da escola, e, como exemplos, podemos citar a Orientação Pedagógica como um agente facilitador dentro da escola, que ajuda nos casos de violência e o Conselho Tutelar fora da escola.

A Orientação Pedagógica possui um papel mediador junto com os demais educadores da escola buscando um resgate da educação de qualidade como afirma Grinspun (2002)

A orientação deve levar a buscar uma visão mais complexa da realidade e do sujeito, as especificidades dos campos de ação ajudam no entendimento da totalidade, sem perder de vista a singularidade. Nesta abordagem novos aliados terão um trabalho próprio na escola, nos quais três indicativos se impõem: a comunicação, a argumentação e a reflexão (p.92).

O orientador pedagógico (OP) deve apontar o seu trabalho para o serviço da cidadania. Sua ação deve visar o desenvolvimento integral da personalidade do indivíduo juntamente com o seu ajustamento social e pessoal. Identificando-se com o processo educacional ligado a função do professor/a e toda a comunidade escolar. Cabe ao orientador pedagógico buscar informações no trabalho do professor e da turma, buscando subsídios para resolver problemas e melhora a qualidade de vida dos alunos/as na escola. Visa também, contato com o aluno com a preocupação de propiciar oportunidades favoráveis de aprendizagem e convívio. Em relação à escola, o orientador pedagógico deve organizar o trabalho para que seja colocada em prática a proposta pedagógica, com a função de ouvir e dialogar com os pais e a comunidade.

Neste sentido o (OP), quando ocorrem casos de violências é acionado para tomar as devidas providências, tais como: chamar os pais dos alunos/as, informando o ocorrido e marcando uma reunião e aciona o conselho tutelar dependendo da idade do discente. Como ilustra a fala abaixo:

(...) a direção da escola encaminha para a orientação educacional, ela geralmente convoca os pais desses alunos (...) [info – 1].

(...) ou então encaminha para o conselho tutelar. [info – 1].

Já o conselho tutelar tem a finalidade perante a escola de guardar o cumprimento do que está escrito no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que é o documento que protege crianças e adolescentes e ajudam na construção da cidadania e deveres e direitos destes atores.

Cabe ao (CT), proteger crianças e adolescentes que precisem de proteção; atender e aconselhar os pais e responsáveis, a fim de encaminhar para os serviços e programas, atendimentos, tratamentos adequados; promover e executar decisões como: requisitar serviços públicos nas áreas de educação, saúde, serviço social, previdência, trabalho e etc.; encaminhar a autoridade judiciária em casos de sua competência; providenciar medida estabelecida pela autoridade judiciária para o adolescente autor de ato infracional; requisitar certidões de nascimento e de óbito de criança ou adolescentes quando necessário (FERREIRA, 2010).

Sendo o discente menor de idade, se caso for necessário, devido à gravidade da violência, a (OP) encaminha juntamente com a família de agredido e agressor para o (CT). Chegando lá os gestores tomam as devidas providências para que ambos sejam ouvidos e o problema deverá ser amenizado e resolvido. A direção da escola, neste sentido, tem um papel muito importante, pois é ela que direciona para onde devem ser encaminhados os discentes e seus familiares e um caso de violência e assim poder solucionar ou no mínimo, amenizar o conflito entre as partes.

No caso de uma ou as duas partes, sejam elas agressor ou agredido, se um dos envolvidos for maior de idade (18 anos), é levado para a delegacia de polícia e deverá ser feito o boletim de ocorrência.

Para minimizar os casos de violência a escola deve tomar várias atitudes e ações que envolvam o aluno e que façam com que ele se sinta seguro e acolhedor. Palestras, reuniões e rodas de conversa entre alunos e professores podem ser úteis para a diminuição da violência. Levar a informação de maneira que chame a atenção faz com os alunos se sintam bem e se conscientizem que não devem praticar violência na escola.

4.3.2 AMBIENTE LEGITIMADOR DA VIOLÊNCIA

A segunda categoria diz respeito aos ambientes dentro da escola onde são mais frequentes atitudes e ações de violência na escola. Segundo os informantes existem dois locais dentro das escolas onde mais ocorrem violências. São eles na sala de aula e no pátio, na hora do recreio.

A sala de aula é o local onde os discentes ficam durante a maior parte do tempo na escola devido à maioria das aulas serem neste local. Em relação ao recreio, pelo fato dos discentes estarem livres e em um momento menos reprimido pelos docentes. São nestes ambientes também que os próprios alunos/as estão constantemente observando, ou como segundo Altmann (1999), vigiando as habilidades, as atitudes, o gênero e a sexualidade dos colegas. Ou seja, estão mais soltos para brincarem e percebem o que acontece ao seu redor, no caso do recreio.

Na sala de aula, o todo o tempo, as manifestações de contato estão presentes, seja no momento da interação com os colegas, para fazer um trabalho, seja para fazer uma avaliação. São nestes momentos que podemos ver, com mais facilidade, a diferença de comportamento entre os alunos/as e ver, e compreender como estas diferenças são manifestadas como fruto de uma construção social. Desse modo, agimos de uma maneira ou de outra podendo ou não levar o/a aluno a praticar violência de acordo com o que ele/ela pensa do que é certo ou errado, sobre o que é bom ou ruim.

Segundo um entrevistado tanto a sala de aula quanto no recreio o aluno/a faz uma ação violenta quando não tem ninguém por perto. Podemos observar na fala do informante abaixo

(...) na sala de aula quando não tem professor na sala de aula ou no pátio quando não tem ninguém por perto [Info - 2].

Segundo os informantes quando não há a presença de professores ou mesmo outras pessoas por perto, os alunos/as são mais propensos a praticarem violência, por não ter ninguém para controlar. Isso pode nos levar a crer que os alunos buscam lugares onde estejam mais livres para fazer maldade e agressões com os seus colegas.

A pesquisa da (ABRAPIA, 2005) constatou que a sala de aula também é um local que pode ser alvo de violência na escola, assim como o trabalho de (Ortega, 1994). Ambos chegaram à conclusão que a sala de aula é um local legitimador de violência, com ou sem a presença de algum responsável.

Na hora do recreio se torna mais fácil, pois as atenções das pessoas que devem tomar conta dos alunos/as estão dissipadas, então a chance de ocorrer violência e ninguém ver é muito maior. Neste sentido os agressores preferem praticar violência no horário do recreio, no pátio, onde é um local maior e mais livre, onde, eles podem até correr caso aconteça algo ou se esconder caso o agredido venha a se queixar deste agressor.

Já na sala de aula, com o professor/a olhando fica mais difícil de fazer algo e passar despercebido. Com o professor/a ou alguém dentro da sala de aula como responsável os agressores ficam acuados e com receio de fazer algo e serem pegos.

Mas, temos que considerar até que ponto, quando os casos de violência ocorrem em sala de aula, se o docente de alguma maneira não contribui para que esta violência seja realizada. Podendo ser por facilitação, promoção ou distração mesmo.

Quando o docente conversa com um aluno/a em sala de aula e desvia a atenção da turma para o diálogo. Pode acontecer algo, sem que ele perceba ou quando tem de se ausentar da sala de aula por algum motivo, sem deixar alguém responsável pode ser outra hipótese.

Da mesma maneira na hora do recreio, onde os inspetores e monitores deveriam observar e estar atentos para a ação dos discentes pode acontecer de ficarem dispersos por algum motivo e acontecer algo.

4.3.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO AGENTE FACILITADOR DA VIOLÊNCIA

A terceira categoria é destacada pelos informantes como a EDF contribuindo para a violência nas aulas de Educação Física escolar. Nos esportes que possuem grande contato físico, esse fato pode vir a contribuir para essa dimensão de violência, fazendo com que muitos alunos/as a pratiquem nas aulas de EDF.

Por exemplo, no futebol que é um esporte de muito contato físico um determinado aluno/a, com uma atitude mais violenta pode machucar um outro colega através de uma disputa de bola, e esse comportamento não ser despercebido, como se fosse uma simples falta, ou ainda, como algo do tipo como afirma o entrevistado

(...) um esporte coletivo onde já haja uma rinha entre um ou mais alunos, isso pode acabar acontecendo. A violência velada pelo esporte, usar o esporte para praticar esse tipo de violência [Info – 2].

(...) fica confuso essa linha de onde até onde foi violência e até onde foi uma ação do próprio esporte, um contato do próprio esporte [Info – 2].

A afirmação mencionada acima pode provocar a seguinte interrogação: Como podemos saber até onde é violência e até onde é uma característica do esporte? Realmente, às vezes é algo complicado de identificar, porém em todos os esportes existem regras justamente para que as ações dentro do jogo sejam feitas com limites.

Violência no esporte pode ser definida como o uso da força física e/ou do constrangimento psíquico para obrigar alguém, a agir de modo contrário à sua natureza e ao seu ser, dentro do ambiente esportivo, perpetrado, quer seja pelos praticantes ou pelos espectadores (CHAUÍ, 2001).

Para o âmbito escolar essa definição pode ser aplicada. Muitos alunos podem se unir com o intuito de promover algum tipo de agressão com outro colega e usar o esporte para isso. Sendo assim, alunos/as que possuem uma habilidade motora melhor podem querer implicar com algum outro que não tenha, ou vice versa, e isso poderá causar algum tipo de conflito nas aulas. O docente deve ficar atento para tentar minimizar e perceber casos de violência na escola onde os discentes usam o esporte para usufruir da violência.

O esporte não deve legitimar algo que deva ser combatido, cabe ao professor/a sim, mas não apenas ele, e sim aos alunos também se caso perceberem algo de errado, falar com os professores próximos, para que seja combatido. Em síntese, é importante ressaltar que, segundo os informantes, a violência velada pode acontecer também na escola. Por violência velada estamos nos referindo àquela violência dissimulada, pouco percebida, e que é difícil de ser identificada.

4.3.4 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO AGENTE INIBIDOR DA VIOLÊNCIA

Esta categoria aponta justamente no sentido contrário da anterior. Aqui o esporte deve agir de maneira mediadora inibindo e coagindo a violência. A aula de EDF em sua grande maioria é bem aceita por todos, então é nesta aula que todos os/as alunos/as se unem e de alguma maneira e fazem as aulas juntos.

O incentivo à prática de esporte pode levar a diminuição da violência, no sentido de levar este aluno a não praticar a violência e passar a se interessar pelo esporte. O esporte não salva, não faz milagre, mas pode ajudar e incentivar que os alunos possam se sentir mais próximos e com isso até podem se tornar amigos, no futuro.

Segundo o entrevistado a aula de EDF contribui para a não violência:

(...) Acho que a prática esportiva ela tende a diminuir mais essa violência. O aluno extravasa e gasta bastante energia nessas aulas (...) [info – 1].

Segundo Darido (2001) os discentes experimentam as aulas de EFe com muito prazer e ansiedade. Esta afirmação só faz justificar o que tende a ser facilitador. Se o aluno/a gosta das aulas de EDF, tende a fazer a aula e fazer menos prática de violência. O esporte na escola e fora dela, deve ser encarado como facilitador de e incentivador da prática de atividade física, porém não deve ter o cunho de salvador. Pois, não é o esporte quem faz a mudança no indivíduo e sim é o indivíduo através do esporte.

4.3.5 FATORES QUE INFLUENCIAM A VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Segundo os informantes diversos foram os fatores que influenciam a violência na escola, tais como, o papel da família, o ambiente onde vivem, falta de informação e mídia foram as que mais se evidenciaram. Segundo os informantes a violência na escola é influenciada pela família:

Muitas das vezes é oriundo da própria família, né. Vem de casa (...) [Info – 2].

Incitação por essas lutas livres que passam direto em televisão e isso acaba estimulando a prática da violência (...) [Info – 2].

(...) eu acredito que a internet hoje em dia ela divulga muito esses casos de violência. A própria televisão ela massifica essa questão da violência (...) [Info – 1].

A influência da família em relação à violência na escola pode ter algum vínculo sim. Muitos alunos que vivem em ambientes onde a violência é naturalizada ou não é combatida acabam por reproduzir este tipo de comportamento independente de ser um local pobre ou não. Pois pobreza não caracteriza o surgimento de violência.

Não obstante, o fato do aluno/a sofrer algum tipo de violência em casa, quer dizer que vá reproduzir na escola. Ou seja, existem várias maneiras deste aluno/a dar sinais de que esta precisando de algo, ou esta passando por algum problema em casa. Então, não podemos afirmar que a violência praticada pelo aluno/a na escola vem somente da influência familiar ou do ambiente onde ele/a vive, pois existe muitas/os que estão na mesma situação e não reproduzem a violência.

Mas, podemos dizer que pode também ser uma influencia da família e do ambiente. O que não pode é afirmar com toda a certeza.

Segundo Sposito (2004)

A análise das causas e das relações que geram condutas violentas no interior das instituições escolares impõe alguns desafios aos pesquisadores e profissionais de ensino, pois demanda tanto reconhecimento da especificidade das situações como a compreensão de processos mais abrangentes que produzem a violência como componente da vida social e das instituições, em especial da escola, na sociedade contemporânea (p.163).

Portanto, não podemos generalizar ao dizer que somente a culpada da violência na escola é a influência da família e do ambiente, pois devem ser levados em conta vários fatores e detalhes para que se chegue a esta conclusão. Todavia, é sabido que a tendência comportamental de muitos alunos que sofrem com problemas na família, e no local onde vivem é reproduzir na escola, atitudes violentas, entretanto, o que não podemos é generalizar e responsabilizar a família e os aspectos socioculturais que a cercam.

Sobre a questão da mídia, de um modo geral e especificamente a Internet, os informantes afirmam que têm contribuído para a violência na escola. Logo, com o aumento da tecnologia, quase todo mundo tem um celular com acesso à internet e TV. E muitos alunos os levam pra escola. Alguns alunos/as que não gostam de fazer EDF ficam mexendo no celular, ouvindo música, navegando na internet. Diversas matérias que são lançadas a todo tempo na internet e na TV podem motivar os alunos/as a se sentirem no mesmo direito de fazer o que é mostrado na TV e na web.

Uma questão muito específica refere-se sobre a difusão das lutas como fenômeno esportivo. Diversas são as opiniões sobre as lutas livres e a possível influência negativa que ela venha trazer para a escola. Muitos professores não gostam. Porém a luta quando é bem trabalhada na escola pode ser usado como agente inibidor de violência. Assim como os programas de TV, vai muito de como as pessoas encaram o noticiário e a mídia.

4.4 ANÁLISE DE CONTEÚDO DA FALA DOS DOCENTES

CATEGORIAS	MARCAS DISCURSIVAS
Presença da violência nas aulas de EDF	Violência entre meninos
Violência verbal dos alunos para com o professor	Agressão verbal
Timidez dos alunos facilitando a violência nas aulas de EDF	Recolhem-se e sentem constrangimento

O quadro acima se refere à análise do conteúdo da fala dos docentes.

A análise permitiu a construção de três categorias que são: Presença da violência nas aulas de Educação Física Escolar, Violência verbal dos alunos/as para os docentes e Timidez dos alunos facilitando a violência nas aulas da Educação Física Escolar.

4.4.1 PRESENÇA DA VIOLÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Três dos quatro docentes relataram ter presenciado violência em suas aulas de EDF. Mesmo sendo uma das aulas mais prazerosas entre os alunos/as os docentes afirmam que existe violência nas aulas de EDF. Os meninos se destacam por praticarem mais violência nas aulas em relação às meninas. Cabe ressaltar que

vários estudos chamam a atenção para algumas diferenças comportamentais apresentadas pelas crianças, segundo o sexo.

Foram encontrados maiores escores (onde estão esses escores) de problemas de comportamento em meninos do que em meninas, da mesma forma que diferenças sobre os tipos específicos de comportamento. Graham-Bermann (1998) assinala diferenças em relação à identificação de papéis familiares segundo o sexo.

Tanto Holden, Geffner e Jouriles (1998) como Fantuzzo e Lindquist (1989) discutem um maior índice de crianças internadas, por comportamentos problema e as meninas foram as que sofreram menos em relação aos meninos neste estudo. Para tais autores, os meninos apresentam maior externalização dos comportamentos problema.

Neste sentido podemos observar como os meninos aparecem em maior número quando nos referimos a violência na escola e nas aulas de EDF como afirma a informante

Entre os meninos muita rixa (...) [Info – I].

Briga entre os meninos. E desentendimento entre eles (...) [Info – II].

Culturalmente falando os homens são tidos como mais agressivos e esse fato aparece nas pesquisas. Acredita-se que isso esteja ligado ao masculino, à masculinidade e ao modelo de homem normativo que legitima a virilidade com atitudes de “macho”, digamos assim. E isso não quer dizer que mulheres não sejam agressivas, mas a maioria dos informantes relatou que a violência partiu por parte dos alunos e não das alunas.

Em contrapartida, as meninas tendem a não dar muito trabalho, embora não sejam todas. Talvez para também legitimarem a construção feminina e a feminilidade. Alunos e alunas se cruzam o tempo todo nas aulas de EDF e os meninos, principalmente nas turmas iniciais, se queixam de não querer fazer aula com as meninas justamente por acharem que podem machucá-las ou algo do tipo.

4.4.2 VIOLÊNCIA VERBAL DOS ALUNOS/AS PARA OS DOCENTES

A maioria dos docentes disse que já sofreram algum tipo de agressão verbal por parte dos alunos/as. Xingamentos e uso de palavrões foram os mais citados conforme a fala abaixo:

Agressão verbal hoje é corriqueiro, é normal, é comum. Enfim, um aluno manda você para aquele lugar, fazer qualquer tipo de coisa (...)
[Info - II].

O sistema social e educacional se organiza de tal modo que professores e demais educadores simplesmente, não sabem o que fazer quando a questão a ser tratada é a violência que assola o espaço escolar. Essa é uma realidade agravada pelo fato de que muitos dos próprios educadores foram vítimas de violência quando eram escolares, e ainda sofrem as consequências disso. Apesar da soma de informações a respeito da temática nos remeter a um olhar cuidadoso sobre ela, pouco é feito, ainda, quando são os educadores que sofrem algum tipo de agressão(CAMPOS; CARDOSO, 2010).

A maneira pejorativa como os alunos/as se referem aos docentes, parece estar se tornando pior. Por exemplo, gestos e sinais também são feitos no sentido de amedrontar e até intimidar os docentes. Muitos docentes, às vezes, por não terem um comando de voz ativa com a turma, permitem esses comportamentos e acabam deixando muita coisa – que deveria ser reprimida – passar, porém, isso não justifica de modo algum a atitude dos alunos/as.

4.4.3 TIMIDEZ DOS ALUNOS FACILITA A VIOLÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Esta categoria constatou que alunos/as tímidos/as são mais vulneráveis a sofrerem violência na escola.

Alunos/as com características mais introvertidas acabam por serem tratados com certa negligência por parte da escola, justamente pelo fato de não se manifestarem como o “aluno problema”, pelo contrário, são considerados exemplos

para os demais por serem vistos como alunos “bonzinhos”, que “não dão trabalho para o professor” e por isso não recebem atenção devida por parte da escola.

O mesmo acontece com em relação ao professor. Estes alunos/as tímidos passam às vezes despercebidos nas aulas e acabam por sofrer violência muitas vezes de maneira velada.

Como a EDF é uma disciplina que é dinâmica, discentes que têm este perfil acabam ficando à margem e por este motivo sofrem nas mãos de outros alunos mais atrevidos.

Na fala abaixo, podemos perceber como os alunos, por vezes, até se deixam ser agredidos:

Existem alunos tímidos que recebem a violência, muitos não ligam. Mas, após sofrerem choram e ficam tristes [Info- IV].

Quando se refere ao comportamento do indivíduo tímido, reconhecendo-o como um sujeito histórico-cultural, pode-se compreender que esse sujeito muitas vezes, lança mão da timidez, de formas de manifestação retraídas e passivas, para proteger-se dos demais membros do grupo e de determinada situação social que se apresente opressora. Esse comportamento também pode ser motivado por uma situação de possível exclusão, pois, como se sabe, na sociedade contemporânea, dada sua busca incessante por resultados imediatos e performances individuais, muitas vezes, os sujeitos se protegem contra situações de opressão e discriminação. Nessa perspectiva pode-se pensar nas crianças tímidas como sujeitos intimidados pela opressão social e/ou escolar, questões fundamentais a serem discutidas nesse projeto (FELIX e VIOTO, 2010).

Às vezes, dependendo do alunos/a, fica até mais difícil para o docente, se aproximar, do mesmo. Em algumas situações o discente é tão fechado que não consegue se estabelecer algum tipo de vínculo, seja por parte do professor/a e nem por parte dos alunos/as. Nestes casos seria viável chamar o responsável, pois o aluno pode estar passando por algum problema e talvez esteja com dificuldade em falar, cabendo à escola tentar ajudá-lo/la.

4.5 ANÁLISE DE CONTEÚDO DA FALA DOS DISCENTES

CATEGORIAS	MARCAS DISCURSIVAS
Tipos de violências vivenciadas pelos alunos/as na escola	Bullying, homofobia
Omissão do aluno em casos de violências na escola	‘Levou na esportiva, não achou necessário’.
A influência positiva da família para lidar com casos de violências na escola	Criação e educação que vem de casa

Este é o quadro referente à análise do conteúdo dos discentes. Estas são as categorias desta análise: Tipos de violências vivenciadas pelos alunos na escola; Omissão do aluno em casos de violência na escola; A influência positiva da família para lidar com casos de violência na escola.

4.5.1 TIPOS DE VIOLÊNCIA VIVENCIADOS PELOS ALUNOS NA ESCOLA

Os alunos/as relataram que sofrem por alguns específicos tipos de violência não apenas nas aulas de EDF, mas na escola. Os discentes enfatizaram bem o bullying e a homofobia. Segundo PERFEITO (2011), bullying é uma ação em que o indivíduo está a ser provocado, sendo vítima de qualquer agressão, sendo exposto de forma consciente ou não, repetidamente e ao longo de um tempo trazendo prejuízos mentais, sociais e físicos.

O bullying acarreta diversos problemas tanto para quem sofre, quanto para quem faz. Pessoas que passam por esta experiência podem ter algum tipo de problema em casa ou algum problema emocional.

De acordo com a fala da discente o bullying acontece de maneira corriqueira na escola

(...) Aqui na escola eu não vejo muita violência física e bullying(...)[Info- A].

(...) Eu acho que o bullying hoje ele é muito, ele é utilizado... Por que antigamente (...) eu sempre fui assim e as pessoas sempre colocaram apelido e eu sempre coloquei apelido e nunca foi bullying,

nunca deu cadeia. Eu acho que hoje em dia está muito banalizada a situação do bullying [Info - A].

Hoje em dia o termo bullying está muito banalizado como bem disse a entrevistada. A mídia popularizou muito o termo e qualquer coisa que aconteça dentro da escola, é bullying, porém não é bem assim. Para ser bullying deve haver algumas características, como foi dito na definição, e nem tudo que aparenta ser, às vezes é. O bullying é uma violência, porém tem suas particularidades para que venha receber este nome. Até os alunos/as já perceberam a confusão que fizeram em cima da nomenclatura de bullying, e hoje em dia, alguns alunos sabem diferenciar, mas ainda são poucos.

Alguns professores/as também não sabem ao certo caracterizarem o que é o bullying e às vezes sem saber acabam reproduzindo o fenômeno e contribuindo para a violência na escola. Existem vários tipos de bullying que mudam de acordo com a característica da pessoa. O bullying pode ter cunho homofóbico, racista, xenofóbico, religioso, entre outros.

Sabemos que muitos alunos que sofrem com o bullying se não forem ajudados a tempo podem até parar de ir para a escola. Então deve ser feito um trabalho bem rigoroso na escola de acompanhamento pedagógico para que os alunos/as não sofram com este tipo de fenômeno.

O outro tipo de violência que apareceu de maneira bem evidente foi a homofobia, que é a repulsa, medo e/ou aversão a pessoas que se relacionam da maneira amorosa e afetiva com pessoas do mesmo sexo, sendo chamados de gays e lésbicas.

No terceiro ano, os discentes já estão na adolescência e muitos já sabem o que querem e já se posicionam perante a turma e ao colégio e por este motivo sofrem preconceito.

Podemos ver na fala do discente como ele sofre preconceito por parte dos colegas e até de professores

Era mais, vamos dizer assim: Ah, menininha. Umas coisas assim um pouco ligando (...) (Info - C).

(...) o professor escreveu na ata de lápis “Ah, o viado”, botou a lápis. Ai eu olhei e perguntei a ele e na mesma hora ele apagou (...) [Info - C].

É algo contraditório um docente agir desta maneira. Deve haver respeito. De onde se deveria estar vindo proteção e acolhimento acontece a atitude preconceituosa. Ninguém é obrigado a gostar ou não gostar de nada, mas deve haver respeito pelos direitos das pessoas, pois onde começa o direito de um, termina o de outro. Professores e a escola não sabem lidar muito com casos de homofobia na escola e acabam reproduzindo preconceito do mesmo jeito.

Em nossa opinião poderiam existir políticas públicas que discutissem a realidade de cada escola, e, que discutissem esses casos para ver até que ponto o professor/a não está deixando suas convicções interferirem na sua atuação como docente. Pensando num comportamento ideal, os profissionais devem separar as duas coisas, para não haver nenhum tipo de preconceito de cunho homofóbico, racista, ou mesmo religioso.

4.5.2 OMISSÃO DO ALUNO EM CASOS DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Muitos alunos que sofrem com a violência na escola, seja ela de qualquer tipo, muitas vezes não conseguem manifestar sua revolta e, também não se comunicam denunciando o fato. Por alguns motivos, como por exemplo, achar que é brincadeira. Mas aqui é importante estabelecermos uma reflexão mais elaborada: até que ponto a afirmação “é brincadeira, não afeta de maneira maldosa” pode estar sendo efetivamente negativo?

Uma coisa é chamar alguém de maneira carinhosa e outra é de maldade xingar o colega. Na fala do aluno abaixo podemos ver como não é importante para alguns comunicar a alguém o que vem acontecendo

nunca levei nada disso para a direção, eu sempre levei assim, na esportiva (...) [Info - A].

Pela maneira como o discente se expressou ficou evidente que ele não falava por medo ou algo do tipo. Não se deve calar diante de atitudes como estas. Caso continue pode acontecer do aluno/a começar a não querer mais ir a escola com medo ou por insegurança.

Almeida (2003) diz

Resistência na hora de ir para a escola, baixo rendimento escolar, opiniões depreciativas sobre si, livros e roupas danificados, isolamento, depressão (p. 67).

Não falar nada pode ser interpretado com uma forma de naturalização indireta da violência. Mesmo sabendo que muitos alunos/as sofrem ao falar, pois, já estão machucados e sensibilizados é necessário falar para que não se reproduza, e, evite que outra pessoa sofra também. Fazendo com que os autores sejam punidos.

4.5.3 A INFLUÊNCIA POSITIVA DA FAMÍLIA PARA LIDAR COM CASOS DE VIOLÊNCIAS NA ESCOLA

Muitos autores falam que quando a família tem algum problema de estrutura ou quando o ambiente não é favorável estes aspectos acabam por influenciar que o aluno/a reproduza violência na escola. Entretanto, quando a família é de uma boa estrutura ou pelo menos tenta ajudar o aluno/a para que ele seja um cidadão de bem, e que não reproduza aspectos negativos, a família deixa de ser a autora do problema para ser a salvação, o conforto.

Alguns alunos/as relataram que a família tem um papel muito importante na construção de vida do aluno na escola.

Podemos observar as falas positivas que os alunos falam e a responsabilidade que a família na construção de valores do educando:

(...) educação, de família, uma coisa que não vem daqui da escola, mas vem de casa. [Info - A].

(...) criação é de berço. Por que bons costumes vem de casa (...) [Info - B].

O ambiente onde a pessoa mora ou o tipo de família ou criação não impedem que se tenha um vínculo harmonioso e saudável dentro de casa. Nem toda pessoa que mora em comunidade tem contato com a violência. Às vezes está morando ali por outros motivos. E morar em comunidade não é sinônimo apenas de violência. Existe um mundo dentro destas comunidades que devem ser explorados. São culturas e modos de vida que na maioria das vezes não são tão diferentes das pessoas que moram fora de lá.

O preconceito está nos olhos de quem vê. E existem muitos casos de famílias que moram em casas nobres do centro e da zona sul e que têm problemas com violência. Problemas podem ocorrer com qualquer pessoa. Não é a classe social que estabelece isso e sim a pessoa.

Estudos como os de Ristum (2001) e Abrapia (2002) afirmam que existe uma influência negativa por parte da família, quando esta é desestruturada ou é oriunda de periferia. Porém, não se pode generalizar. Cada família demanda todo um contexto muito específico.

5 REFLEXÕES FUNDAMENTAIS

Após todas as descrições realizadas, e, mesmo tendo já realizado algumas reflexões no decorrer das nossas argumentações, gostaríamos de elaborar algumas reflexões que consideramos fundamentais para dialogar com fundamentação teórica utilizada no desenvolvimento do trabalho.

A primeira delas se refere à questão da utilização das teorias para analisarmos a questão da violência em nosso estudo.

Ao dialogarmos com as visões de violência discutidas anteriormente nos parece razoável afirmar que o indivíduo, em última análise, mesmo considerando-o dentro de uma família, que pode ser problemática ou não, ainda é a última instância de perpetuação de violência. Em outras palavras, estamos considerando que se observarmos o ambiente esportivo da EDF e o ambiente da família, mesmo que esses pudessem contribuir para um comportamento de prática de violência, a última

decisão ainda é do indivíduo no universo que ele existe. Mesmo que sofra muitas pressões.

Nesse sentido, o esporte e a EDF não podem ser considerados numa perspectiva reificada. Ou seja, coisificada. O esporte e a EDF não são estáticos, pelo contrário são construções sociais de seus atores, mesmo em situações difíceis.

Portanto, a exacerbação da competição deve ser criticada dando espaço a uma competição que revele os verdadeiros valores de quem está envolvido nesse processo. Por exemplo, o competidor nunca deve ser visto como inimigo e sim, como um adversário simples. Passado o momento da competição todos devem continuar colegas, ou mesmo amigos, que seguirão suas vidas de forma harmônica. Os talentos que se sobressaíam no ambiente escolar devem ser admirados e nunca desqualificados. Não devemos esquecer que as continuadas perpetuações de formas de violências podem contribuir para um ambiente constantemente tenso e beligerante.

O papel dos professores, como agentes mediadores das várias culturas existentes dentro das escolas, passa a ser de grande valia. A afirmação mencionada acima parte da premissa que o profissional da EDF, ou de qualquer outra disciplina deve ter consciência de sua responsabilidade como orientador de determinado grupo, ou mesmo como exemplo, de outras formas de se comportarem diante de manifestações de violência. Aceitar todos os comportamentos violentos sem demonstrar indignação contra esse fenômeno, só legitima os comportamentos violentos.

A utilização de categorias para identificarmos, descrevermos e realizarmos reflexões são importantes na medida em que nos fornecem um referencial conceitual, do que pode ou não ser considerada violência. Se tomarmos, por exemplo, o caso do bullying, podemos verificar que o mesmo pode ser físico ou verbal. Então, estaríamos diante de duas formas diferentes de violência: uma física e outra verbal, que deveria ser categorizada de agressão. No caso de uma homofobia estaríamos diante de uma ofensa, porque quem sofre de homofobia está, de fato, sendo ofendido por sua orientação sexual, pois o que leva o indivíduo a praticar

homofobia, seja ela de maneira verbal ou física é o fato de achar que a homossexualidade ofende e por isso parte para o ato de violência.

Os exemplos acima ilustram duas categorias que Santos (1990) usa que é a agressão, no caso do bullying e a ofensa no caso da homofobia.

Uma das preocupações em estabelecermos categorias é para que terminologias diferentes não induzam à conceituações diferentes. (não entendi)

Muitas vezes os alunos/as usavam determinadas maneiras de se expressar que apenas eles/as conheciam, outras vezes, legitimavam certas atitudes em detrimento da maneira como falavam ou com o grau de intimidade que tinham um com outro.

A indicialidade, que é um dos conceitos chaves da etnometodologia, que tem como definição: “As expressões utilizadas pelos atores ganham significado, a partir do conhecimento do contexto local onde são produzidas” (SILVA e VOTRE, 2012). Sendo assim, para que possamos entender a palavra, ela necessita estar dentro de um contexto específico para que possa ter o devido significado.

Como exemplo podemos citar o que o informante relatou explicando como ele faz quando se irrita com outro colega:

“Ah, tem alguém ai sem mão pra jogar?” (Info B).

Na verdade, ele se refere a algum outro colega que não tinha uma boa habilidade para jogar vôlei, então ele se achou no direito de se referir aos colegas desta maneira. Dizia-se, sem paciência para jogar ou ensinar outros colegas a jogarem da maneira que pra ele era o correto.

Justificando o fato do colega não saber jogar ou não ter uma boa habilidade para o jogo de vôlei, o termo “sem mão pra jogar” é usado de maneira pejorativa, porém, pode ser encarado como sendo uma “zoação” do colega e por isso em muitas vezes acaba sendo naturalizado.

A palavra zoação, é outro termo que apareceu muito nas entrevistas e nas observações e muitos alunos, legitimavam a violência dizendo que era apenas “zoação”. Que significa, uma brincadeira autorizada pelo colega e que por isso não seria de cunho maldoso.

No caso da reflexividade, o indivíduo descreve e constrói ao mesmo tempo a sociedade em que vive e suas práticas sociais. Ou seja, “os atores não percebem suas ações de caráter reflexivo, não prestam atenção no fato de que quando falam descrevem e constroem ao mesmo tempo a realidade.” (SILVA e VOTRE, 2012).

Na fala da informante podemos perceber que ao responder a pergunta sobre o que fazer para minimizar a violência nas escolas, ela diz o que ela mesma pensa e o que ela acha o certo em determinados casos, como as pessoas agem e que como pra ela vê a pessoa que faz determinada atitude:

“Acho que não tem muito que fazer, acho que questão de conscientização da própria pessoa, de educação, de família, uma coisa que não vem daqui da escola, mas vem de casa, no mais. Pelo menos as pessoas que eu conheço aqui são assim, a estrutura familiar importou bastante pelo o que eu conheço dos meus amigos assim, que a gente conversa muito porque a gente passa o dia inteiro na escola, é sempre assim as pessoas que tem uma cabeça boa não fazem isso, as pessoas que não tem a cabeça boa fazem essas coisas, os influenciáveis, são sempre assim.” (Info A).

A percepção dela do que leva uma discente a praticar violência é algo que vem de fora da escola e ela ao explicar, faz com que a gente perceba que ela não se deixa manipular e por isso não permite que façam nada de mal por ter tido uma educação em casa que mostrasse a ela que não poderia tolerar algo deste tipo.

A sua observação e as respostas às entrevistas indicam que a violência prejudica a produção do conhecimento de um modo geral e também a edf?

A violência e as manifestações de violências ocorridas nas escolas, nos leva a crer que prejudicam sim a produção e a construção do conhecimento e de um saber científico.

Quando um aluno se recusa a falar para o docente que sofreu alguma agressão por parte de um colega, isso nos leva a pensar que mais pra frente aquele aluno/a pode se recusar a fazer aula de EDF. Por achar que fazer aula, pode expor ele, já que se recusa a pedir ajuda. De certa forma, isso legitima a violência.

De um modo geral, a escola como produtora e multiplicadora do conhecimento deve usar de métodos para facilitar o aluno/a a aprender e compreender o ensinamento. E a violência esta no caminho contrário.

Por isso é necessário que toda a comunidade escolar esteja motivada para saber lidar com possíveis casos de violência. Primeiro identificando, depois coagindo e por último protegendo o discente para que ele se sinta a vontade para ir à escola sem medo ou receio de ser vítima de algum tipo de violência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola assumindo que possui alguma situação de conflito no seu espaço pode juntamente com o professor agir de maneira mediadora para resolver o conflito gerado, conversando e escutando ambas as partes, e assim minimizar os conflitos e atitudes com os quais não venha concordar. A direção não deve evitar o problema e sim enfrentá-lo tomando atitudes cabíveis para que a situação seja revertida.

Quando a violência chega à escola é porque já falhou em outros ambientes, em outras relações, como por exemplo, a família e amigos/as, quando são oriundos destes atores. Porém se a violência ocorre na escola, é lá que ela tem que ser banida e repudiada. Fechar os olhos para algo que acontece diante de nós não resolve o problema.

Respondendo o problema de pesquisa, após todas as análises e discussões, podemos considerar que uns dos motivos que podem levar um /as a praticar violência nas aulas de EDF é o fator de influência negativo que a família tem para com este aluno. O fato de ele absorver tantas experiências negativas pode contribuir para que este aluno/a reproduza em outros ambientes, e um destes ambientes pode ser a escola.

Não é a classe social e sim a maneira como as pessoas lidam com a violência que acarreta na reprodução da mesma. Infelizmente a violência esta em todas as classes sócias.

Como a aula de EDF é bem dinâmica e diferente das demais, por ser em um local livre, pode contribuir para que haja casos de violência também, mas não é o único lugar da escola que acontece. Pode acontecer no recreio também, que é onde os alunos estão mais livres e soltos.

Homofobia (ofensa) e o bullying foram os tipos de violências mais abordados pelos alunos das escolas. Essas formas acontecem de maneira mais evidente. A homofobia, por vezes é velada e o bullying naturalizado, dependendo do caso e de quem estiver no momento da agressão.

A linguagem pejorativa (ofensa) é bem peculiar, como intuito de ferir a magoar mesmo. Como exemplos, temos os termos: “menininha” e “balofó”. Um que visa denegrir a imagem masculina e o outro a imagem corporal. Ambos excluem e soam de forma pejorativa.

As aulas de EDF sempre são muito descontraídas, a maioria dos discentes diz que participam e que gostam de fazer a aula, no entanto, a aula de EDF também é um ambiente onde a violência acontece, e por vezes passa despercebida.

Os discentes que sofrem violência nas aulas têm a característica de serem tímidos e com isso contribuem mais ainda para a reprodução da violência. Acredita-se que por eles serem tímidos não vão relatar para alguém, então, é mais fácil para o agressor continuar a prática da violência.

A direção escolar e todos que atuam na escola devem estar juntos e agir em conjunto para que a qualidade de vida dos discentes seja levada em consideração. Agindo de maneira interdisciplinar a escola pode evitar que casos de violência venham acontecer ou minimizar os que já existem, basta querer fazer alguma coisa. Direção, alunos/as e professores/as, juntos podem vencer ou no mínimo reduzir, e lutar contra a violência nas escolas.

Finalmente, gostaríamos de salientar que nosso estudo não pretendeu dar conta de todas as possíveis dimensões e caracterizações da violência. Temos consciência da limitação de nosso estudo. Por outro lado, gostaríamos que nosso estudo fosse visto como um paço inicial para a compreensão de um fenômeno bem complexo de ser estudado. Nesse sentido, recomendamos a realização de outras pesquisas que iluminem essa área do conhecimento humano.

7 REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO A INFANCIA E ADOLESCENCIA (ABRAPIA). **Programa de redução do comportamento agressivo entre adolescentes**. [2000]. Disponível em <www.abrapia.org.br>; <Erro! A referência de hiperlink não é válida. Acesso: 12 de março de 2012.

ALTMANN, H. **Meninos e meninas**: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Cadernos Cedes, vol. 19, n. 48. Campinas, 1999.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

Boletim da Agencia de Notícias dos Direitos da Infância (2001), AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA – **Saúde em pauta: doença e qualidade de vida no olhar da imprensa sobre a infância**. Coordenação VeetVivarta. São Paulo: Cortez, 2003 (Série Mídia e Mobilização Social, 1).

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parametros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC / SEF, 1996.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CAMPBELL, M. **Stydy confirms girls are victims of cyber bullying**, 2007. Disponível em <www.medicalnewstoday.com./articles/83863.php>.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 12 ed. São Paulo: Ática, 2001.

CHRISPINO, Álvaro. **Gestão do conflito escolar**: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Jan./Mar. 2007.

DARIDO, S, C. **Educação física de 1a. a 4a. Série**: quadro atual e as implicações para a formação profissional em educação física. Motriz, Rio Claro, v. 4.n. 4, p. 61-72, 2001.

DARIDO, Suraya Cristina; SANCHES NETO, Luiz. **O contexto da educação física na escola**. IN: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (coord). Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 50-61. (Coleção Educação Física no Ensino Superior)

DEBARBIEUX. X E. **Cientistas, políticos e violência**: rumo a uma comunidade científica europeia para lher dar com a violência nas escolas?. In: DEBARBIEUX. E.

& BLAYA, C. (Orgs.). *Violência nas escolas: dez abordagens européias*. Brasília: Unesco, 2002.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. 2. ed. Vol. 1 - Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FANTE C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

FELIX, T. da S. P. & VIOTO, I. A. T. **A timidez na escola**: a educação física infantil como atividade imprescindível na sociabilidade da criança. Campus de Presidente Prudente – Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2010.

FERREIRA, M. S. **Ponto de Vista**. A Competição na Educação Física Escolar. *Revista Motriz*. jul.dez 2000, Vol. 6, n. 2, pp. 97-100.

FERREIRA, A. L. **Escola e conselho tutelar**: os embates de uma relação - a escola e a rede de proteção de crianças e adolescentes, Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010.

FREUD, S. **Por que a guerra?** Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 22. (Obras completas).

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e científicos Editora S. A., 1989.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GOELLNER, S. V. Gênero. In: GONZÁLEZ, J. M.; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, p. 207-209, 2005.

Graham-Bermann, S. A. (1998). **The impact of woman abuse on children's social development**: Research and theoretical perspectives. Em G. W. Holden, R. Geffner & E. F. N. Jouriles (Orgs.), *Children exposed to marital violence: Theory research and applied issues* (p. 21-54) Washington, DC: American Psychological Association

Grinspun, Mirian. P. S Zippin. A orientação educacional: **o conflito de paradigmas e alternativas para a escola**. São Paulo: Cortez, 2002.

GROSSI, M; UZIEL, A. P; MELLO, L. **Conjugalidades, Parentalidades e Identidades Lésbicas, Gays e Travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. **A Representação social da homofobia na Cidade de Lorena/SP**. *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 587-604, set./dez. 2009.

KUNZ, E. ET AL. **Didática da Educação Física I**. Ijuí: Unijuí, 1994.

KRUG, E. et al. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Geneva: OMS, 2002.

LE BOUCH, J. **Psicosinética**. Porto Alegre: Atmed, 1986.

LOUZADA, M.; DEVIDE, F. **Educação Física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes**. Movimento, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 123-140, 2006.

LOURO; G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOPES NETO, A. A. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria, v. 8, n. 5, p. 164-172, 2005.

MINAYO, M. C de S. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: ED. FIOCRUZ, 2010

MINAYO. C. de S; SOUZA, E. R de. **Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva**. História, Ciência e Saúde. Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 514, 1998.

MOURA, M. L. S de; FERREIRA, M. C. **Projetos de Pesquisa. Elaboração, redação e apresentação**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2005.

NETTO, V. M; TRIVIÑOS, A. N. S. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: Alternativas e Métodos**, Porto Alegre UFRGS, 2004.

OLIVEIRA, F. F; VOTRE, S. J. **Bullying nas aulas de Educação Física**. Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 173-197, 2006.

POSSELON, M. **O estudo de caso na investigação em educação física na pesquisa qualitativa**. In: CANDURO, M. T. (Org.). Investigação em educação. Feevale, 2004.

PERFEITO; R. S. **A Educação Física e o Bullying - A DesUtilização da Inteligência**. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2011.

PEÇANHA, M. B.; DEVIDE, F. P. **O discurso dos docentes do primeiro segmento do ensino do ensino fundamental sobre o bullying homofóbico na Educação Física escolar**. LecturasEducación Física y Deportes, v. 14, p. 1-1, 2010.

RISTUM, M. **O conceito de violência de professoras do ensino fundamental**, 2001. Tese de doutorado, Salvador: Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

RIBEIRO, D. **Diretrizes para uma Educação Sem Homofobia**. IGLYO, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.3-4, 2007.

Rutter, M. **Psychosocial resilience and protective mechanisms**. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57(3), 316-331, 1987.

RUDIO, F. V. Em busca de uma educação para a fraternidade. São Paulo: SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Campinas, **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, 2007.

SANTOS, R. F; COSTA, A. da S. **A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL PORTUGUÊS: UMA INTERPRETAÇÃO SOCIOLÓGICA A PARTIR DA CONCEPÇÃO TEÓRICA DE PROCESSO CIVILIZACIONAL**. Portugal. Universidade do Porto. Faculdade de Ciências do desporto e de Educação Física. Doutorado em Ciências do Desporto e Educação Física, 1996.

SANTOS, R. F; FARIA JUNIOR, A. G. de. **EDUCAÇÃO, DESPORTO E VIOLÊNCIA NO FUTEBOL**. Niterói. Universidade Federal Fluminense. Centro de Estudos Sociais Aplicados, Mestrado em Educação, 1990.

SAVIANI, D. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Campinas, *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 34, 2007.

SILVA, A. B. B. **Mentes perigosas nas escolas: bullying**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SISTO, F. F. **Aceitação-rejeição para estudar e agressividade na escola**. Maringá, *Psicologia em estudo*, v. 10, n. 1, p. 117-125, jan./abr. 2005.

SOUZA, L. V. DE; RISTUM, M. **Relatos de violência, concepções de violência e práticas escolares de professoras**: em busca de relações. *Paidéia*, 15(32): 377-385, 2005.

SPOSITO, M. P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. *Educação e pesquisa*, 27(1): 87-103, 2001.

SPISITO, M. P. **A Instituição escolar e a violência**. In: carvalho, J. S. *Educação, Cidadania e Direitos humanos*. Petrópolis: vozes, 2004.

TANI, G. et al. **Educação Física Escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária; Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

TEXEIRA, A. **Educação não é privilégio**. UFRJ: Rio de Janeiro, 2007.

Sites:

<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/09/22/aluno-de-10-nos-tir-em-professora-e-se-mata-mulher-nao-corre-risco-de-morte.htm><Disponível em 22 de setembro de 2011>

<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/a-especialista-em-bullying-alerta-o-pior-e-que-os-pais-sao-cumplices-dos-jovens-agressores/>< Disponível em 15 de março de 2012>

www.faetec.rj.gov.br< Disponível em 15 de março de 2012>

www.etevm.g12.br/portal/<Disponível em 15 de março de 2012>

www.eterpublica.com<Disponível em 15 de março de 2012>

8 ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS DIRETORES

<p>Problema: O que leva os/as alunos/as do terceiro ano do ensino médio a praticar violência nas aulas de educação física escolar?</p>	
<p>Nome:</p> <p>Sexo: () M () F</p> <p>Nascimento:</p> <p>Formação Básica:</p> <p>Local de Formação:</p> <p>Pós-graduação: () E () MS () D Área:</p> <p>Tempo de atuação:</p> <p>Tempo na instituição:</p> <p>E-mail:</p>	
N. 1	O que você acha dos casos de violência ocorrido nas escolas?
N. 2	Qual a providencia da direção da escola em relação a um/a aluno/a que praticou violência na escola?
N. 3	Qual a providencia da direção da escola quando um aluno/a sofre violência de um colega de classe?
N. 4	De uma maneira geral, o que a direção de uma escola pode fazer para minimizar os casos de violência na escola?
N. 5	Para você, qual é o ambiente da escola onde o/a aluno/a mais pratica violência? Por quê?
N. 6	Você acha que a aula de Educação Física escolar é um ambiente que

	pode ser propício para a prática da violência?
N. 7	O que você acha que leva um/a aluno/a a praticar violência na escola?
N. 8	Você acha que existe algum fator interno e/ou externo que interfira na prática da violência nas escolas?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS DOCENTES

Problema: O que leva os/as alunos/as do terceiro ano do ensino médio a praticar violência nas aulas de educação física escolar?	
<p>Nome:</p> <p>Sexo: () M () F</p> <p>Nascimento:</p> <p>Local de Formação:</p> <p>Pós-graduação: () E () MS () D Área:</p> <p>Tempo de atuação:</p> <p>Tempo na instituição:</p> <p>E-mail:</p>	
N. 1	Há quanto tempo atua com a Educação Física Escolar?
N. 2	Você já presenciou casos de violência em suas aulas de Educação Física Escolar? Se sim, que tipo de violência foi e como reagiu?
N. 3	Você já sofreu algum tipo de violência por parte de aluno/a em sua aula de Educação Física Escolar?
N. 4	Como é a reação dos alunos/as mais agressivos e violentos? Como eles/as são?

N. 5	Como é a reação dos alunos/as que recebem a violência como eles/as são?
N. 6	O que leva um aluno/a a fazer violência na escola? Você acha que existe algum fator determinante (interno ou externo) que interfira na prática da violência na escola?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS/AS ALUNOS/AS.

Problema: O que leva os/as alunos/as do terceiro ano do ensino médio a praticar violência nas aulas de educação física escolar?	
<p>Nome:</p> <p>Sexo: () M () F</p> <p>Idade:</p> <p>Curso:</p> <p>Modalidade de educação física:</p> <p>E-mail:</p>	
N. 1	Na sua opinião, o que é violência?
N. 2	O que você acha das aulas de Educação Física?
N. 3	Como é sua relação com seus colegas?
N. 4	Como é sua relação com seu professor nas aulas de Educação Física?
N. 5	O que você acha que leva uma aluno/a a praticar violência na escola?
N. 6	Você já foi vítima de violência entre os seus colegas na escola? Se sim, diga como foi?
N. 7	Como seu professor e a direção da escola reagiram em relação à

	pergunta acima?
N. 8	Você já agiu como agressor em algum caso de violência na escola ou na aula de Educação Física?
N. 9	Como seu professor e a direção da escola reagiram em relação à pergunta acima?
N. 10	O que você acha que deve ser feito para minimizar a violência nas escolas?